

3

O cenário da expressão הַיְהוָה הָאֵלִים de 1Sm 9,17

Para uma melhor compreensão da expressão joanina ἰδοὺ ὁ ἄνθρωπος, será analisado aqui o cenário que envolve a expressão veterotestamentária que lhe é correspondente.

3.1

A Narrativa de Saul em 1Samuel

Para toda a narrativa que envolve a figura de Saul, no livro de Samuel, desde a sua escolha até a sua queda final, foram poucos os autores que se aventuraram a construir uma estrutura que abarcasse toda a história.

Bressan¹⁸¹, dividindo o livro de 1Samuel em três partes, considera que o nome de Saul perpassa toda a obra. Na primeira parte (1Sm 1-8), os fatos narrados tinham como objetivo preparar a vinda de Saul. A segunda parte (1Sm 9,1-15,35a) constitui o ato central do drama no qual Saul entra em cena como o personagem principal. Na terceira parte (1Sm 15,35b a 2Sm 1,27) entra em cena a figura de Davi. Tsumura¹⁸², por sua vez, fala de três grandes histórias pelas quais o livro é composto, a saber: em 1Sm 1,1-7,17 há a “história de Samuel”; o capítulo 8 funciona como a seção de transição para introduzir o tema da monarquia; em 1Sm 9,1-15,35 é apresentada a “história de Saul” e em 1Sm 16,1-31,13, a “história de Davi”.

Humphreys¹⁸³ é um dos primeiros a construir a estrutura da narrativa, que gira em torno da figura de Saul. Narrativa, esta, que ele delimita como 1Sm 9-31. Conforme este autor¹⁸⁴, a história é contada em três partes, desde o sucesso inicial de Saul até a dissolução do seu reinado e sua morte. Em tempos, a figura de Saul desaparece de vista, sendo ofuscada pelas presenças de Samuel e Davi. Assim, o autor apresenta 1Sm 9,1-2 como a introdução, 1Sm 9,3-14 como a primeira parte, 1Sm 15-27 como a segunda parte e 1Sm 28-31 como a parte final.

Para Humphreys, a estrutura da narrativa explica-se melhor considerando que um material mais antigo foi utilizado por círculos posteriores com interesses

¹⁸¹ BRESSAN, G. *Samuele*. Roma: Marietti, 1963, pp. 54.148.

¹⁸² TSUMURA, D. T. *The First Book of Samuel*. Grand Rapids: Eerdmans, 2007, pp. 75-76.

¹⁸³ HUMPHREYS, W. L. *The rise and fall of King Saul: a study of an ancient narrative stratum in 1 Samuel*, *Journal for the Study of the Old Testament*, 18 (1980), p. 75.

¹⁸⁴ HUMPHREYS, W. L. *The tragedy of King Saul: a study of the structure of 1 Samuel 9-31*. *Journal for the Study of the Old Testament*, 6 (1978), pp. 18-27.

distintos. O primeiro círculo, do norte e profético, considera que Saul representa tudo o que era de perverso e errado no reinado de Israel e, ao mesmo tempo, tem Samuel, o vidente de 9,1-10,16, como a figura dominante e o oponente de Saul em 10,17-25; 12; 13,8-15a; 15 (também o capítulo 8)¹⁸⁵. O segundo círculo, do sul e davídico, apresenta Davi como o homem escolhido. A essa narrativa mais antiga de Saul, teriam sido acrescentadas distintas tradições de Samuel ou Davi (8; 12; 16,1-13; 23; 25; 27,1-28,2; 29-30). Para Humphreys¹⁸⁶, a camada mais antiga referente à narrativa de Saul está contida em 1Sm 9,1-10,16; 11,1-11; 13-14; 15 (reformado); 17-22 (reformado); 26; 28; 31 - unidades nas quais Saul domina todas as cenas.

De modo diferente, Edelman¹⁸⁷ considera que toda a narrativa de Saul, por ela delimitada pela entre 1Sm 8-2Sm 1, foi criada pelo autor a partir de padrões e dispositivos estruturantes, presentes na antiga narrativa hebraica. O autor os teria utilizado para transmitir aos seus contemporâneos sua compreensão acerca de como os reis foram constituídos, de como foram proclamados ao público, de como o primeiro rei foi instalado. De modo que tais padrões eram familiares para o seu auditório, naquele contexto monárquico. Conforme Edelman, toda a narrativa de Saul consistiu-se de quatro principais dispositivos estruturantes, com três padrões sobrepostos e um tema.

Os padrões e os dispositivos identificados são: 1) a cerimônia de coroação em três partes (a designação do candidato; um período de teste e a coroação: cf. 1Sm 9,1-11,15; 13-14; 16,13; 17; 2Sm 2,4; 5,1-6); 2) o padrão do relato real (uma fórmula de ascensão, cf. 1Sm 13,1); os relatos de algumas obras do rei (cf. 1Sm 13,2-14,46); um resumo dos seus feitos (cf. 1Sm 14,47-48) e a informação final acerca de sua morte, sepultamento e sucessão (cf. 1Sm 31; 2Sm 2,8-11); 3) a jornada de Saul, dividida em dois períodos: um sob o espírito bom de Yhwh e outro sob o espírito mau de Yhwh (cf. 1Sm 16,14); 4) a elevação do mais fraco e a

¹⁸⁵ Humphreys destaca que a figura de Samuel exerce uma função literariamente distintiva através das narrativas. O profeta aparece três vezes, sempre no início de cada parte (1Sm 9,1-10,16; 15,1-16,13; 28,3-25), e anuncia em privado o que será realizado de forma pública no decorrer da narrativa. Cf. HUMPHREYS, W. L. *The tragedy of King Saul: a study of the structure of 1 Samuel 9-31*, p. 19.

¹⁸⁶ HUMPHREYS, W. L. *The rise and fall of King Saul: a study of an ancient narrative stratum in 1 Samuel*, p. 76.

¹⁸⁷ EDELMAN, D. V. *King Saul in the Historiography of Judah*. Sheffield: JSOT, 1991, pp. 27-35.

queda do poderoso (cf. 1Sm 9,21); e o tema para facilitar o desenvolvimento do enredo que, no caso, seria a aliança de Jônatas com Davi (cf. 1Sm 18,15).

Outrossim, Rafael Patai¹⁸⁸ observou que toda a narrativa de Saul está constituída por um padrão geral de ritual de instalação régio. Essas cerimônias, consoante este autor, originaram-se no antigo Oriente Próximo e teriam influenciado a África, que, depois, também passou a apresentar um padrão no ritual de instalação dos seus reis divinos e chefes.

Patai¹⁸⁹ listou, ao todo, 36 padrões presentes na cerimônia de instalação real hebraica. Destacam-se, abaixo, alguns dos que foram percebidos em cada cena ocorrida na instalação real de Saul: 1) O rei é escolhido entre alguns candidatos, cuja seleção se fazia provando a sua coragem ou por meio de um oráculo que manifestava a vontade divina (cf. 1Sm 9,17; 10,19-21; 16,1; Js 7,16-18); 2) um alto oficial está presente tanto na eleição quanto na instalação real (cf. 1Sm 9,15-17; 13,10-13; 16,13); 3) o rei sobe um monte: neste rito, o mestre de cerimônia se dirige ao lugar onde ocorrerá a instalação do rei. Um determinado número de pessoas é convocado e essas tomam uma refeição de sacrifício, que só se inicia com a chegada do candidato (cf. 1Sm 9,18-19; 1Sm 16,11; 2Rs 23,2-3; 2Rs 11,14); 4) o rito do diálogo e da proclamação de abertura, que, muitas vezes, abre a cerimônia de instalação (cf. 1Sm 9,18-21; 1Sm 16,4-12; 1Rs 11,29); 5) o rei presente no terraço, como um dos ritos de instalação (cf. 1Sm 9,25-27; 2Sm 16,20-21); 6) o rei é ungido (cf. 1Sm 10,1; 16,1; 2Sm 2,4); 7) o rei é aclamado pelo povo (cf. 1Sm 10,24; 2Sm 16,16; 1Rs 1,25); 8) a posse do espírito bom de Yhwh sobre o novo rei ungido (cf. 2Sm 2,6-7; 2Sm 7,14; 1Cr 17,13); 9) o rei é ridicularizado (cf. 1Sm 10,27) 10) o rei recebe as insígnias reais (cf. 2Sm 1,10; 12,30).

3.1.1

As distintas narrativas da eleição de Saul

As narrativas da eleição, por sua vez, estão situadas na seção 1Sm 8-12 entre os limites de um fechamento formal de uma unidade, com a fórmula que marca o fim da história de um juiz, em 1Sm 7,13-17 (cf. Jz 3,30; 8,28), e a abertura formal

¹⁸⁸ PATAI, R. *Hebrew Installation Rites: a contribution to the study of Ancient Near Eastern-African culture contact*. Hebrew Union College Annual, (20, 1947), pp. 142-148.

¹⁸⁹ *Ibid.*, pp. 149-150.158.160.166.168.169.170. 215-216.

de outra unidade, com uma fórmula para começar o relato de um reino, em 1Sm 13,1¹⁹⁰.

Desde os tempos de Wellhausen, os autores frequentemente concordam em apresentar as unidades 1Sm 9,1-10,16; 11,1-15 como parte de uma distinta tradição, mais antiga e monárquica, que contrasta com a posição tomada em 1Sm 8; 10,17-27; 12,1-25, material de tendência deuteronomista e antimonárquica¹⁹¹. Wellhausen¹⁹² sublinhava a diferença entre as duas tradições nas quais deve ser reconhecido o intervalo de duas épocas distintas. A primeira seria a do Israel pré-exílico e pró-monárquico. Para esta, a monarquia seria o ponto culminante da história, a maior bênção de Deus. Para a segunda tradição (8; 10,17-27; 12,1-25), a instituição da monarquia significava o pior estágio do pecado contra Deus, a apostasia de se colocar uma liderança humana no trono de Deus. Miller¹⁹³ recorda também que crescia uma tendência em se reconhecer que cada narrativa originou-se de forma independente e passou por mudanças durante o processo de transmissão, antes da inclusão na história deuteronomista.

Desse modo, Hauer¹⁹⁴ procurou defender a tese de que as várias tradições, presentes em 9,1-10,16; 10,17-27; 11,1-15, refletem as ampliações do domínio de Saul. Cada relato teria sido feito para justificar a ascensão de Saul numa região. A escolha de Saul, em 9,1-10,16, teria sido realizada em espírito profético; em 10,17-27 teria acontecido por meio de sorteio; e em 11,1-15, por uma ação militar, quando Saul fora movido pelo espírito de Yhwh. Nos três relatos, Samuel serve como instrumento de uma instituição formal. Mckenzie¹⁹⁵ ressalta que essas histórias distintas foram unidas por um editor, de tal modo que, em primeiro lugar, Saul é ungido, secretamente, em 9,1-10,16, depois é designado rei, publicamente, em 10,17-27a e, finalmente, é provado no combate militar em 11,1-15.

¹⁹⁰ McCARTHY, D. J. *The Inauguration of Monarchy in Israel: A Form-Critical Study of I Samuel 8-12*. Interpretation 27 (1973), p. 402.

¹⁹¹ MILLER, J. M. *Saul's rise to power: some observations concerning I Sam 9:1-10:16; 10:26-11:15 and 13:2-14:46*. The Catholic Biblical Quarterly, 36 (1974), p. 157.

¹⁹² WELLHAUSEN, J. *Prolegomena to the History of Israel*. Cambridge: Cambridge University press, 2013, pp. 253-254.

¹⁹³ MILLER, J. M. Op. cit., p 157; cf. GILBERT, P. *Os livros de Samuel e dos Reis: da lenda para a história*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 25; BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 233.

¹⁹⁴ HAUER, C. E. *Does 1 Samuel 9:1-11:15 reflect the extension of Saul's dominions*. Journal of Biblical Literature, 86 (1967), pp. 306-308.

¹⁹⁵ MCKENZIE, S. L. *Saul in the Deuteronomistic History*. In.: EHRlich, C. S.; WHIT, M. C. (eds.). *Saul in Story and Tradition*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2006, pp. 60.

Para Sicre¹⁹⁶, essas diferentes narrativas consistem em três atos temporalmente separados entre si, que foram contados por tradições de origem diversa. Já González Lamadrid¹⁹⁷ considera que, talvez, existissem até mais de três tradições diferentes (9,1-10,16; 10,17-27; 11,1-15). Conforme este autor, dada a importância da monarquia e a sua inovação nas tribos israelitas, não é de se surpreender que os teólogos fossem obrigados, pela instituição monárquica, a refletir acerca de sua origem e de sua natureza. E, dada a existência de várias correntes de pensamento, presentes entre o povo, não é de se estranhar que as narrativas tenham sido múltiplas e até opostas.

Três narrativas distintivas para a chegada de Saul ao reinado de Israel, como seu primeiro rei, com as quais os autores, na sua maioria, são concordes em afirmar que são narrativas de tradições diferentes: algumas em favor da monarquia; outras contrárias. Algumas foram elaboradas por tradições proféticas e reagrupadas por um redator final, um autor deuteronomista. Há também quem afirme que um único relato foi retrabalhado por círculos diferentes com vistas a interesses distintos.

3.1.2

A narrativa da eleição de Saul em 1Sm 9,1-10,16 e alguns aspectos redacionais

A seção em questão, para esta pesquisa, está situada entre os limites de 1Sm 9,1-10,16. Jacobs¹⁹⁸ é categórico ao assinalar que o relato de 1Sm 9,1-10,16 está claramente delimitado, abrindo e fechando com o mesmo assunto; em seu início há a apresentação do personagem principal, com o enredo que começa com a problemática das jumentas perdidas (cf. 1Sm 9,3) e tem o desfecho com a notícia de que o problema foi solucionado (cf. 1Sm 10,13-16). No final do relato, há o retorno do personagem principal para sua casa e para sua família.

Campbel¹⁹⁹ afirma que a história é direta, podendo ser lida de forma linear. O enredo consiste na secreta nomeação e unção de Saul, como um designado a rei, e no ponto alto da narrativa está a intervenção de Deus a Samuel, em forma de

¹⁹⁶ SICRE, J. L. *De Davi ao Messias: textos básicos da esperança messiânica*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 47.

¹⁹⁷ GONZÁLEZ LAMADRID, A. *Livros de Samuel*. In: GUIJARRO OPORTO, S.; SALVADOR GARCIA, M. *Comentário ao Antigo Testamento I*. São Paulo: Ave-Maria, 2002, p. 400.

¹⁹⁸ JACOBS, J. *The role of the secondary characters in the story of the anointing of Saul (1 Samuel ix-x)*. *Vetus testamentum* 58 (2008), p. 499.

¹⁹⁹ CAMPBEL, A. F. *1 Samuel*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003, pp. 105-106.

flashback, ao qual é apontado o jovem que deveria ser feito rei de Israel. Campbel sublinha que a unidade da história é inevitavelmente fragmentada e que uma antiga história foi retrabalhada por interesses proféticos.

Conforme Hertzberg²⁰⁰, a narrativa segue de modo atrativo, mas logo se percebem algumas discrepâncias. Este autor considera que a atual narrativa tem duas formas primárias: uma que descreve a saída de Saul para procurar os animais perdidos, sendo, então, ajudado por um vidente anônimo que lhe promete a coroa futura; e a segunda que descreveria uma visita de Saul a Samuel, terminando com a unção. Cada qual pertenceria a lugar diferente: a primeira a Ramataim-Sofim e a segunda a Ramah; e em Betel, teria havido a junção das narrativas. O relato antigo predomina no início e o posterior, no fim da narrativa, sendo expandido, formando o texto atrativo que se tem hoje²⁰¹.

Para González Lamadrid²⁰², a narrativa poderia ser chamada de “a história do jovem que saiu de casa à procura das jumentas de seu pai e voltou coroado rei”. Este autor afirma que, não obstante esta tradição ter uma forma bem unitária, possivelmente ela foi elaborada a partir de dois relatos diferentes. Um deles não apresenta o nome de Samuel.

Para Campbel²⁰³, houve um antigo relato profético, que consistia no encontro entre Saul e um anônimo homem de Deus, e o fato de Saul ser comissionado para algo especial. Tal relato estaria preservado em 9,1-13.14a.18-19.22b.25-27; 10,7; e os versículos 10,5-6.8.10-13 foram acrescentados depois. Na reelaboração da história, o redator identifica o homem de Deus com Samuel e enfatiza que, por trás do encontro entre Samuel e Saul e da delegação para Saul ser ungido como um designado a rei, está a escolha de Deus, cujos versículos seriam 9,14b-17.20-24; 10.1.13-16.

Miller²⁰⁴ também defende a existência de um único relato que tenha sido revisado e expandido, durante o processo de transmissão, e considera satisfatória a proposta de Schmidt, segundo a qual o coração literário da narrativa é um antigo relato popular que descreveu como o jovem Saul foi transformado por um vidente

²⁰⁰ HERTZBERG, H. W. *I and II Samuel: A Commentary*. Philadelphia: Westminster, 1964, p.78.

²⁰¹ *Ibid.*, p.79.

²⁰² GONZÁLEZ LAMADRID, A. *Livros de Samuel*, p. 400.

²⁰³ CAMPBEL, A. F. *I Samuel*, pp. 106-107; CAMPBEL, A. F. *I Samuel*. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012, p. 325.

²⁰⁴ MILLER, J. M. *Op. cit.*, p 157.

anônimo para conduzir uma missão militar. Conforme opinião de Schmidt, diz Miller, a narrativa foi revista para servir, não só como um relato da unção de Saul, mas também como introdução a várias histórias referentes a ele. A revisão teria sido feita em conformidade com a estrutura das narrativas de chamado e poderia ser constatada nos versículos 9,13a.14-17.20.22b-24a e em 10,1.13-16. Miller afirma que os versículos 10,5-6.10-13a seriam considerados por Schmidt como fragmentos de um antigo relato etiológico para explicar o dito “Está também Saul entre os profetas?” (cf. 1Sm 19,18-24). Schmidt também identifica os versículos 9,2b.9; 10,8 como um acréscimo posterior. Miller modifica três pontos das definições de Schmidt. O primeiro ponto é que 10,5a não derivaria de uma narrativa de etiologia mais extensa, mas seria um autêntico relato de um antigo conto popular; o segundo, que 10,13-16 não teria sido a revisão de um antigo conto popular, mas obra de um redator deuteronomista. E, por fim, Miller vê-se hesitante em considerar 10,8 como sendo um acréscimo posterior.

McKenzie²⁰⁵, seguindo também a proposta de Schmidt, afirma que a seção 9,1-10,16 está baseada em uma história originalmente independente, que se encontra preservada em 9,1-8.10-13ab.14a.18-19.22a.24-27;10,2-4.7.9. Material, este, de elaboração profética, editado por alguém que McKenzie identifica como o historiador deuteronomista que teria transformado o relato na história da unção de Saul como מִלְחָמָה .

Birch²⁰⁶ também sublinha essa falta de unidade literária, destacando a existência de algumas tensões e inconsistências dentro desta seção e afirmando que em 1Sm 9,1-10,16 deve haver uma adequada explicação das tensões para ser considerada uma unidade literária. Seguindo os elementos folclóricos propostos por Gressmann, Birch²⁰⁷ considerará que 9,1-13 apresenta todos os elementos do conto popular²⁰⁸. Em resumo, Birch²⁰⁹ considera 9,1-14.18-19.22-24; 10,2-4.9.14-16a como um antigo relato popular da busca de Saul pelos animais perdidos do seu pai. O tema do relato seria o encontro acidental do jovem Saul com Samuel.

²⁰⁵ MILLER, J. M. Op. cit., pp. 60.

²⁰⁶ BIRCH, B. C. *The development of the tradition on the anointing of Saul in 1 Sam 9:1-10:16*. Journal of Biblical Literature, 90 (1, 1971) p. 57.

²⁰⁷ Ibid., p. 58.

²⁰⁸ Os elementos destacados por Gressmann foram: 1. O tema imaginário – como o jovem Saul saiu à procura de umas jumentas perdidas e encontra um reino; 2. A figura ideal de um jovem que supera os demais em estatura e aparência; 3. O anonimato da cidade e o anonimato do vidente; 4. A indefinição no tempo; 5. A atmosfera de maravilha no relato. Cf. BIRCH, B. C. Op. cit., p. 58.

²⁰⁹ BIRCH, B. C. Op. cit., p. 67-68.

Saul come com ele, como um honrado convidado, e é ajudado por Samuel, que profetiza a solução para o problema das jumentas perdidas. Em 10,10-13 haveria uma antiga etiologia de um provérbio popular, com uma explicação que recorda a tradição segundo a qual Saul profetiza com alguns profetas.

Baseado nas características observadas por Habel²¹⁰, Birch considera que os demais versículos compõem uma narrativa de chamado. Assim, em 9,15 configura-se a confrontação divina. Em 9,16-17²¹¹ ocorre a palavra introdutória. Em 9,21 há a objeção (cf. também Jz 6,15; Ex 3,11; 4,10; Jr 1,6). Em 10,1 ocorre a delegação, que é precedida por 9,27, versículo no qual há a informação de que a Palavra de Deus será conhecida por Saul por meio do profeta. Em 10,1.5-7a há o sinal dado e, em 10,7b, a palavra de garantia. Em 10,10-13 há o cumprimento do sinal recebido. Em resumo, os versículos 9,15-17.20-21.(25-26).27-10,1 (LXX).5-8.16b fariam parte de uma redação final cujo objetivo era sublinhar a função profética de Samuel como um agente de Deus que designa e unge Saul; e a função de destacar a iniciativa de Deus na escolha de Saul.

Humphreys²¹² sublinha como provável que 1Sm 9,15-17.20-21 e o que ele chama de as formas estendidas da LXX de 10,1.5-6.8.10-13 tenham sido material adicionado ao mais antigo da narrativa do rei Saul, material, esse, retrabalhado pelo círculo profético cujo objetivo era enfatizar a iniciativa divina e a participação do profeta na designação do primeiro rei de Israel.

Na'aman²¹³ considera os versículos 9,1-8.10-14.18-19.22-27; 10,2-6a.7.9-10a.14-16a como parte da antiga história da subida de Saul ao poder, enquanto os versículos 9,15-17.20-21; 10,1.5.6b.8.16b são material redacional de autoria deuteronomista.

Em resumo, a seção 1Sm 9,1-10,16 mostra-se como uma narrativa que apresenta uma unidade textual de clara compreensão, com um enredo desenvolvido num tom de continuidade e simultaneidade²¹⁴; porém, com um olhar

²¹⁰ Conforme Birch, Habel (cf. HABEL, N. *The form and Significance of the Call Narrative*. ZAW, 77 (1965) 297-323) lista as seguintes características nas narrativas de chamado: 1. A confrontação divina; 2. A palavra introdutória; 3. A missão; 4. A objeção; 5. A palavra de garantia; 6. Os sinais. Cf. BIRCH, B. C. Op. cit., p. 61.

²¹¹ BIRCH, B. C. Op. cit., p. 62.

²¹² HUMPHREYS, W. L. *From tragic hero to villain: a study of the figure of Saul and the development of 1 Samuel*. Journal for the Study of the Old Testament, 22 (1982), p. 104.

²¹³ NA'AMAN, N. *The pre-Deuteronomistic story of King Saul and its historical significance*. The Catholic Biblical Quarterly 54 (4, 1992), pp. 638-658.

²¹⁴ ÁLVAREZ BARREDO, M. *Orígenes de la monarquía en Israel: tradiciones literarias y enfoques teológicos de 1Sam 9-10*. Carthaginiensia 24 (2008), p. 272.

mais apurado, percebe-se que não constitui uma unidade literária, pois apresenta algumas discrepâncias. Com isso, talvez houvesse um único relato antigo acerca de Saul com uma temática primeira, possivelmente a busca de Saul pelas jumentas perdidas de seu pai Cis e o retorno de Saul como rei e, então, essa narrativa teria sido ampliada, possivelmente por interesses proféticos, ou ainda o relato é a composição de duas narrativas de tradições diferentes que foram retrabalhadas e editadas.

Abaixo, um resumo daquilo que alguns dos autores propuseram para 1Sm 9,1-10,16, como sendo um material mais antigo e um revisto:

Campbel	Material mais antigo	9,1-13.14a.18-19.22b.25-27;10,7
	Material revisto	9, <u>14b-17.20-24</u> ;10,1.13-16. (acréscimo posterior 10,5-6.8.10-13)
Schmidt	Material mais antigo	9,1-13b.14a.18-19.22a.24b-27;10,2-4.7.9)
	Material revisto	9,13a. <u>14b-17.20s.22b-24a</u> ; <u>10,1.13b-16</u> . (10,5-6.10-13a: fragmento de um antigo conto etiológico e 9,2.9.10,8 como glosas).
McKenzie	Material mais antigo	9,1-8.10-13ab.14a.18-19.22a.24-27;10,2-4.7.9
	Material revisto	9,13c. <u>14b-17.20.22b-23</u> ;10,1.5-6.8.10-16.
Birch	Material mais antigo	9, 1-14.18-19.22-24; 10, 2-4.9.14-16a
	Material revisto	<u>9,15-17.20-21</u> .(25-26).27- <u>10,1(LXX)</u> .5-8.16b

Humphreys		<u>9,15-17.20-21</u> ; <u>10,1.5-</u> 6.8.10-13
	Material revisto	

Considerando-se a eleição (9,14b ou 15-17) e a unção (10,1) como parte do material revisto, isso parece implicar que o autor visava, sobretudo, descrever: a eleição de Saul por Yhwh, a função do profeta na escolha do rei, o caráter sagrado da realeza, com uma teologia segundo a qual o rei, o líder do povo, seria um chamado e ungido de Yhwh²¹⁵.

3.1.3 Estrutura e Conteúdo de 1Sm 9,1-10,16

Um primeiro critério a ser tomado para a subdivisão de 1Sm 9,1-10,16, destacado por Jacobs²¹⁶ e Fokkelman²¹⁷, refere-se à função exercida pelos personagens na narrativa. Conforme estes autores, as narrativas bíblicas geralmente apresentam poucos personagens secundários, no máximo três. Mas, na história da unção de Saul, há mais de dez (o pai Cis, Saul, o servo, as jovens, Deus, Samuel, os convidados, o cozinheiro, dois ou três homens, o bando de profetas e o tio de Saul), de tal modo que muitos deles são únicos e pouco comuns. Assim, cada aparição de novos personagens pode designar uma nova sequência. Além dos personagens, Fokkelman²¹⁸ e Czovec²¹⁹ sublinham o pronome pessoal הֵמָּה , “eles”, referindo-se a Saul e seu servo (cf. 9,5.11.14b.27), que demarca um grupo de quatro cenas, que indicam uma nova fase na jornada de Saul; as explícitas designações de espaço e tempo, como a combinação do estado construto, introduzido pela preposição בְּ , “em”, (cf. 14b.18a), além das indicações determinadas pelos verbos de movimento “chegar” (בּוֹא : 5a.14b) “subir” (עָלָה : 11a), “descer” (יָרַד : 25a.27a), “aproximar-se” (נִגַּשׁ), que distribuídos através da narrativa, demarcam o início de uma nova sessão.

Conforme esses critérios e pautando-se na subdivisão apresentada pelos autores supracitados, a narrativa pode ser estruturada, nas seguintes sequências:

²¹⁵ Cf. McCARTHY, D. J. Op. cit., p. 410.

²¹⁶ JACOBS, J. Op. cit., p. 499.

²¹⁷ FOKKELMAN, J. P. *Narrative Art and Poetry in the Books of Samuel: A Full Interpretation Based on Stylistic and Structural Analyses*. Assen: Van Gorcum, 1993, p. 356.

²¹⁸ Ibid., pp. 356-357.

²¹⁹ CZOVEK, T. *Three Charismatic Leaders: part One: Saul*. Transformation 19 (3, 2002), p. 170.

9,1-2²²⁰: genealogia de Saul e de seu pai Cis - constitui a introdução do relato. Há a mesma fórmula introdutória percebida em Jz 13,2; 17,1; 1Sm 1,1 (וַיְהִי־אִישׁ / “houve um homem”). Em seguida, faz-se a apresentação e descrição dos personagens, bem como a enumeração do membro da família: o pai Cis. É apresentado o protagonista, o futuro herói: Saul²²¹. Auld²²² destaca que o relato se inicia como um conto popular, no que se refere às menções de tempo e espaço (indeterminados). Birch²²³ destaca que Saul é descrito de modo semelhante àquelas figuras que a tradição tem destinado a uma função heróica ou a uma carreira especial (como José, em Gn 39,6, e como Moisés, em Ex 2,2). Bergen²²⁴ sublinha as semelhanças estruturais entre Samuel e Saul: ambos são introduzidos com extensa genealogia, ambos vêm da mesma região, o nome de ambos está etimologicamente vinculado ao verbo (לְשׂוֹאֵל), com o significado de “pedir”. Ambos conduzem Israel contra os filisteus.

9,3-4: a busca pelas jumentas perdidas - inicia-se aqui a narrativa propriamente dita²²⁵, sendo apresentada a problemática que norteará o relato, que, em primeiro plano, consistirá na história de Saul, enquanto camponês que, a pedido de seu pai, parte em viagem com o seu servo, com a incumbência de encontrar as jumentas perdidas²²⁶. Com isso, está demarcado o primeiro plano do cenário narrativo.

9,5-10: Saul é orientado por seu servo a procurar o homem de Deus – o pronome pessoal הָיָה (cf. 5a), uma designação de movimento expressa pelo verbo בָּאוּ (cf. 5a) e o quadro espacial, apontado pela preposição אֶל mais o estado construto בְּאֶרֶץ סוּף, “à terra de Suf” (cf. 5a), indicam uma nova sequência, na qual ocorre um novo estágio na jornada de Saul²²⁷. Atravessando montanhas e territórios sem nada achar, cruzando o país sem nada encontrar, tem-se o primeiro

²²⁰ Cf. BERGEN, R. D. *1, 2 Samuel*. Nashville: B&H Publishing Group, 1996, p. 120; TSUMURA, D. T. *The First Book of Samuel*, p. 262; PETERSON, E. H. *First and Second Samuel*. Louisville: Westminster John Knox Press, p. 59; SICRE, J. L. *Il primo libro di Samuele*. Roma: Città Nuova, 1997, p. 77; McCARTER, P. K. *I Samuel*. New York: The Anchor Bible, 1980, p. 164; JACOBS, *Op. cit.*, p. 499.

²²¹ Cf. PROPP, V. Ja. *Morfologia della fiaba*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 2000, p. 31s; ALTER, R. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 79-136.

²²² AULD, A. G. *I & II Samuel: A Commentary*. Louisville: Westminster John Knox, p. 102.

²²³ BIRCH, B. C. *Op. cit.*, p. 59.

²²⁴ BERGEN, R. D. *Op. cit.*, p. 119.

²²⁵ Cf. McCARTER, P. K. *Op. cit.*, p. 164; PETERSON, E. H. *Op. cit.*, p. 60; TSUMURA, D. T. *Op. cit.*, p. 264. ÁLVAREZ BARREDO, M. *Op. cit.*, p. 274.

²²⁶ Cf. HERTZBERG, H. W. *Op. cit.*, p.78.

²²⁷ Cf. FOKKELMAN, J. P. *Op. cit.*, pp. 357-358.

obstáculo que retarda a solução do problema²²⁸: Saul deseja retornar e desistir da viagem. Mas a nova etapa da jornada é indicada pelo novo personagem da cena, o servo de Saul, que toma o turno na conversação: “há um homem de Deus na cidade, que talvez aconselhe sobre a viagem” (cf. 9,5-6).

9,11-14a: o encontro com as jovens que indicam onde está o homem de Deus - além da indicação do espaço²²⁹ בַּמְעֵלָה הָעִיר (cf. 11a: “na ladeira da cidade”), também o pronome pessoal הֵמָּה (cf. 11a) e a presença de novos personagens נְעוּרוֹת (cf. 9:11b “jovens”) demarcam a nova cena: Saul e seu criado cruzam com umas jovens, que mencionam que o vidente está na cidade²³⁰. Assim, um novo estágio para a solução do conflito é colocado. Há aqui a mudança no tempo da narrativa. Até então, o tempo narrado tinha sido mais lento, sem pressa; a partir de agora, há uma aceleração no tempo narrado, presente na fala das jovens: “Eis ele está diante de ti” (cf. 12b: הֲיֵשׁ הַנֶּהָה לְפָנַיִךְ), “apressa-te” (cf. 12c: מְהֵרָה), “agora” (cf. 12c: עַתָּה; 13e), “hoje” (cf. 12d: הַיּוֹם)²³¹.

9,14b-17: Revelação de Deus a Samuel: Saul é um escolhido de Yhwh - a nova cena é assinalada pelo pronome pessoal הֵמָּה (cf. 14b), pelo verbo de movimento בָּאוּ (cf. 14b), além do quadro espacial, indicado pela preposição בְּ (cf. 14b), e pelo estado construto הָעִיר הַלְוִיִּת (cf. 14b), e da presença de um novo personagem, o vidente: o profeta Samuel וְהַנֶּהָה שְׁמוּאֵל (cf. 14c). Com isso é indicado mais um estágio na jornada de Saul onde é revelado, no relato, aquilo que estava sendo trabalhado por trás de todas as cenas anteriores: Saul é objeto da escolha de Yhwh. Aquele jovem, que saíra de casa em busca das jumentas perdidas de seu pai e, depois, saíra à procura do vidente, fizera, inconscientemente, a jornada que o levaria para a sua vida pública: é o designado por Yhwh como aquele que salvará o povo das mãos dos filisteus.²³²

9,18-21: primeiro encontro entre Saul e Samuel - o verbo de movimento נָשָׂא (cf. 18a) e a indicação de um novo quadro espacial בְּתוֹךְ הַשַּׁעַר (cf. 18a: “no meio da porta”) demarcam essa subdivisão, na qual se dá a cena do primeiro encontro entre Samuel e Saul. Será invertida a ação principal da narrativa, em que

²²⁸ Cf. SKA, J. L. *Sincronia: a análise narrativa*, pp. 131.137. In: SIMIAN-YOFRE, H. (Org). *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2011.

²²⁹ Cf. FOKKELMAN, J. P. Op. cit., p. 358.

²³⁰ JACOBS, J. Op. cit., pp. 504.

²³¹ TSUMURA, D. T. Op. cit., p. 271.

²³² Cf. *I Samuel*, pp. 184-185; JACOBS, Op. cit., pp. 504-506. Cf. também PROPP, V. Ja. Op. cit., p. 55 (quando há a mudança do objeto procurado).

aquilo que estava em primeiro plano (a busca pelas jumentas perdidas) apresenta-se como solucionado, e passa para o fundo da narrativa. Com a mudança de situação, torna-se uma matéria de segunda importância²³³, mas sem deixar de continuar sendo mencionada²³⁴. Diante da nova trajetória, Saul encontra-se como que inconsciente daquela realidade escondida por trás de todas aquelas aparências e supostas coincidências²³⁵.

9,22-24²³⁶: Saul como convidado de honra na refeição - esta subseção é indicada pelo verbo de movimento וַיְבִיֵאֵם (cf. 22a: “*introduziu-os*”) e pela designação do novo quadro espacial לְשֹׁפְרָתָהּ (cf. 22a), a “sala” de jantar na qual Samuel, Saul e o servo são introduzidos, e Saul é o convidado de honra. A seção também é demarcada pela presença de novos personagens, cerca de trinta, e do cozinheiro, que exerce função significativa na cena, como personagem que ajudará Saul a tomar consciência do que o leitor já sabe: que nada ocorrera acidentalmente ao filho de Cis, mas tudo lhe tinha sido preparado. Esse é o lugar da narrativa no qual Saul começará a tomar consciência da sua eleição. Essa consciência é importante para o futuro rei de Israel, que necessitaria entender que todas as suas ações deveriam estar de acordo com a vontade Deus²³⁷.

9,25-26: a conversa sobre o terraço - a nova seção se inicia indicada pelo verbo de movimento וַיֵּרֶד (cf. 25a: “*desceram*”) e pela especificação do espaço עַל-הַגָּג (cf. 25b). Com a conversa ocorrida “sobre o terraço”, Saul, aos poucos, vai tomando consciência da sua designação e cooperando com Samuel para a ação principal da narrativa que se dará no dia seguinte: o ser ungido.

9,27-10,8: a unção de Saul e alguns sinais para confirmar a eleição - o início da seção é demarcado pelo pronome pessoal הִמָּה (cf. 27a), pelo verbo de movimento וַיֵּרֶדְיִם (cf. 27a) e por uma localidade בְּקֶצֶה הָעִיר (cf. 27a: “*no limite da cidade*”). Esse é o momento efetivo no qual Saul é levado ao conhecimento final da sua designação a rei, o profeta lhe revelará a palavra divina²³⁸, além de que é um dos pontos altos da narrativa (junto com 9,15-17)²³⁹ para onde todas aquelas

²³³ HERTZBERG, H. W. *I and II Samuel: A Commentary*, p.83.

²³⁴ Cf. FOKKELMAN, J. P. Op. cit., p. 364.

²³⁵ Cf. McCARTER, P. K. Op. cit., p. 185; JACOBS, Op. cit., p. 506; SKA, J. L. *Sincronia: a análise narrativa*, pp. 131.136.

²³⁶ TSUMURA, D. T. Op. cit., p. 278.

²³⁷ Cf. McCARTER, P. K. Op. cit., p. 185; JACOBS, Op. cit., p. 506; SKA, J. L. Op. cit., pp. 131.136; PETERSON, E. H. Op. cit., p. 62.

²³⁸ Cf. AULD, A. G. Op. cit., p. 107.

²³⁹ Cf. McCARTER, P. K. Op. cit., p. 186.

supostas coincidências estavam conduzindo: Saul é ungido para função real. A unção ocorre em privado²⁴⁰, sem testemunhas²⁴¹. Apenas entre Samuel e Saul. E a unção se confirmará adiante, por meio dos sinais dados pelo profeta²⁴²: os dois homens que darão notícias a Saul acerca do achado das jumentas e a notícia acerca da preocupação de Cis pelo desaparecimento do seu filho; os três homens que saudarão Saul com algumas oferendas; o encontro com um bando de profetas e a descida do espírito de Deus sobre Saul, que, em transe, profetizará. Assim, Saul precisará ser preparado antes de ser apresentado ao povo como o primeiro rei²⁴³.

10,9-12: realização dos sinais - É iniciada pela marcação temporal, indicada pela ação do verbo הִנָּח em *qal weqatal* (cf. 10,9a). Há a designação de um novo quadro espacial הַגִּבְעָה (cf. 10,10a), bem como a presença de novos personagens $\text{הַכֹּהֲנֵי-נְבִיאִים}$ (cf. 10,10b: “*um grupo de profetas*”). Nesta nova seção, ocorrerá a confirmação dos sinais dados anteriormente²⁴⁴. Diminuída a tensão dramática, a narrativa tende para o fim.

10,13-16: Saul e seu tio e a unção ainda mantida em segredo - a última cena da narrativa é marcada pelo verbo de movimento וַיָּבֹא (cf. 10,13a) e por uma designação de espaço הַבֵּית (cf. 10,13a). Resolvidos todos os problemas colocados através da narrativa (a busca pelas jumentas perdidas, a procura pelo vidente, a escolha e unção de Saul), o relato se finda com o retorno do herói a casa. Diante do seu tio, porém, Saul guarda silêncio, acerca da sua unção, que ainda deve ser mantida em segredo.²⁴⁵

²⁴⁰ Cf. LANEY, J. C. *First & Second Samuel*. Chicago: Mood Press, 1982, p. 37.

²⁴¹ Cf. HERTZBERG, H. W. Op. cit., p.84.

²⁴² Cf. SMITH, H. P. *A Critical and Exegetical Commentary on the books of Samuel*. Edinburgh: T & T Clark, 1992, p. 66.

²⁴³ Cf. PETERSON, E. H. Op. cit., p. 64.

²⁴⁴ Cf. HERTZBERG, H. W. Op. cit., p.86.

²⁴⁵ Cf. CAMPBELL, A. F. *1 Samuel*, p. 325; PIXLEY, J. *Ter Deus como rei é perigoso – 1 Samuel 1-12, uma leitura atenta*. RIBLA 60 (2008/2) 66 [218].

3.2

Crítica Textual e Crítica da Forma de 1Sm 9,14b-17

Dentro da subdivisão de 1Sm 9,1-10,16, destaca-se, para esta pesquisa, a seção correspondente a 1Sm 9,14b-17.

3.2.1

Crítica Textual de 1Sm 9,14b-17

O aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) praticamente não apresenta problemas de crítica textual referente a 1Sm 9,14b-17, o que demonstra que, pelo menos, esta seção não sofreu tantas corrupções, erros ou modificações voluntárias, no seu processo de transmissão textual²⁴⁶, concedendo assim uma maior credibilidade quanto à antiguidade do texto. Há uma única variante mencionada pelo aparato crítico, referente ao versículo 16d, que, porém, não traz complicações para o texto.

Conforme informação da BHS, na passagem *כִּי רָאִיתִי אֶת־עַמִּי* (porque eu vi o meu povo), há uma variante na qual a LXX acrescentou *τὴν ταπείνωσιν* (a humilhação), após a partícula de objeto direto, e o Targum acrescentou duas opções de substantivos: *אֶת־הַקָּוָה* (opressão) e *עוֹלְבָנָה* (humilhação), de modo que tanto a Septuaginta quanto o Targum leem *כִּי רָאִיתִי אֶת־עַמִּי עוֹלְבָנִי עַמִּי* (vi a humilhação do meu povo), que é uma harmonização com Ex 3,7.

Considerando a máxima de que *manuscripta ponderantur non numerantur*, apesar de a Septuaginta e o Targum também serem testemunhas de grande peso no que consiste à antiguidade e de terem visto bem o texto correspondente²⁴⁷, tudo indica que aqui vale o emprego da regra *lectio brevior potior*, sendo a leitura mais breve a preferida, de modo que a leitura apresentada pela Septuaginta e pelo Targum pode ser explicada como resultado de uma harmonização textual. A leitura da Vulgata: *quia respexi populum meum* corrobora o texto Massorético. Portanto, parece ser preferível optar pelo texto leningrandense, como sendo o mais antigo.

²⁴⁶ Fischer acentua que o texto hebraico de Samuel 1 e 2 foi transmitido, num estado precário, com uma série de corrupções textuais. Cf. FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento*. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 187.

²⁴⁷ Cf. SMITH, H. P. *Samuel I and II*. Joplin: College Press Publishing Company, 2000, p. 64.

3.2.2 Crítica da forma de 1Sm 9,14b-17

Ao chegarem eles ²⁴⁸ no interior da cidade ²⁴⁹ ,	14b	הָמָּה בָּאִים בְּתוֹךְ הָעִיר
eis que Samuel, ao encontrá-los, estava saindo para subir ao lugar alto.	14 c	וַהֲגָה שְׁמוּאֵל יֵצֵא לִקְרֹאתָם לְעֹלוֹת הַבָּמָה:
E Yhwh abria o ouvido de Samuel,	15a	וַיְהִי הַיּוֹם גָּלָה אֶת-אָזְנוֹ שְׁמוּאֵל
um dia, antes, da chegada de Saul, ao dizer:	15b	יּוֹם אֶחָד לִפְנֵי בּוֹא-שָׁאוּל לְאֶמְרִי:
Amanhã, nesta hora, enviar-te-ei um homem da terra de Benjamin	16a	כָּעֵתוֹ מֵחָר אֶשְׁלַח אֵלֶיךָ אִישׁ מֵאֶרֶץ בִּנְיָמִן
e o ungirás para líder sobre meu povo, Israel;	16b	וּמִשְׁחֶתוּ לְנָגִיד עַל-עַמִּי יִשְׂרָאֵל
ele salvará meu povo da mão dos filisteus,	16c	וַהּוֹשִׁיעַ אֶת-עַמִּי מִיַּד פְּלִשְׁתִּים
porque vi meu povo,	16d	כִּי רָאִיתִי אֶת-עַמִּי
porque seu clamor chegou a mim.	16e	כִּי בָּאָה צַעֲקוֹתוֹ אֵלַי
Samuel viu, então, Saul,	17a	וּשְׁמוּאֵל רָאָה אֶת-שָׁאוּל
e Yhwh lhe confirmou:	17b	וַיְהִי עֲנָוָהוּ
Eis o homem	17c	הֲגָה הָאִישׁ
do qual te disse:	17d	אֲשֶׁר אָמַרְתִּי אֵלֶיךָ
Este governará, em meu povo.	17e	זֶה יַעֲזֹר בְּעַמִּי:

Considerando, sobretudo, as ações dos personagens e as formas verbais da narrativa, a seção apresenta uma estrutura que pode ser subdividida em 4 partes: uma introdução (14bcd) - menção ao encontro entre Saul e seu servo com Samuel -, o anúncio da revelação de Deus a Samuel (v.15), a revelação de Deus a Samuel, acerca de Saul (v. 16) e a confirmação do que foi revelado (v.17).

A introdução está constituída pelo sujeito הָמָּה (14b), o pronome pessoal referente a Saul e seu servo, que já haviam sido mencionados em seções anteriores (cf. 9,5s), e pelo nome próprio שְׁמוּאֵל (cf. 14c). Quanto às formas verbais, a introdução está organizada em qal participio (14b: בָּאִים; 14c: יֵצֵא) e qal infinitivo construto (14c: לִקְרֹאתָם; 14d: לְעֹלוֹת), ocorrendo, assim, uma proposição temporal (14b), uma proposição consecutiva (14c) e uma proposição final (14d).

²⁴⁸ Saul e seu servo

²⁴⁹ Literalmente: “no meio da cidade”

A seção inicia-se, então, com a proposição temporal, indicada pela frase em qal participípio²⁵⁰ הַמָּהָה בָּאִים (14b), na qual a ação principal, em 14c, é iniciada pela conjunção ׀ em apódose. As duas proposições 14b e 14c constituem, respectivamente, o que se chama de prótase (nesse caso, a presença de uma proposição nominal simples com um participípio בָּאִים) e apódose (הַמָּהָה + oração nominal simples com participípio אָצִי)²⁵¹. A subordinada temporal 14b apresenta uma relação de simultaneidade com a principal em ações que são duradouras²⁵², de modo que os movimentos dos personagens são sincrônicos. O instante em que Saul e seu servo (14b: הַמָּהָה בָּאִים) chegam à cidade, à procura do vidente, é o exato momento (הַמָּהָה: 14c) no qual Samuel, que saía, com o objetivo de subir ao lugar alto (לְעֵלְוֹת: 14d), encontra-se com eles (לְקִרְיָאֲתָם: 14c), de modo que este movimento de chegada de uns e saída de outro terá como consequência o encontro inesperado de ambos.

A partícula הַמָּהָה (cf. 14c) demanda a atenção do leitor para o nome שְׂמוּאֵל, até então desconhecido de Saul e de seu servo e do leitor. O verbo em qal participípio אָצִי (14c) inicia aqui frase final, constituída pela preposição לְ, seguida do qal infinitivo construto (cf. 14d)²⁵³. Em 14c, porém, a preposição לְ, seguida do qal infinitivo construto, constitui proposição consecutiva²⁵⁴.

Esta unidade não possui nenhuma fala por parte dos personagens, que se apresentam apenas como agentes das ações de chegar e de sair. O adjunto de lugar em estado construto בְּתוֹךְ הָעִיר (14b) e o substantivo comum em objeto direto הַבְּמָה (14d) demarcam o quadro espacial da seção, na cidade, em direção ao lugar alto.

Em 15a inicia-se a proposição principal com o *waw* em apódose, tendo como subordinada a temporal 15b, que expressa a relação de anterioridade²⁵⁵. Esta segunda subdivisão (v.15ab) é o anúncio da revelação de Deus a Samuel. Nesta parte, as formas verbais utilizadas são o qal qatal (15a: נִגְלָה) seguido do qal infinitivo construto (15a: לְאָמַר; 15b: בּוֹא). O chamado qatal retrospectivo (15a: נִגְלָה) retoma o evento que ocorrera anteriormente. O narrador recua no tempo com o objetivo de informar o que Deus tinha revelado, um dia antes. De tal modo que

²⁵⁰ Cf. JOÜON, P.; MURAOKA, T. *Gramática del hebreo bíblico*. Navarra: Verbo Divino, 2007, § 121a.

²⁵¹ Cf. NICCACCI, A. *Syntax of the verb in Classical Hebrew prose*, § 138.

²⁵² Cf. JOÜON, P.; MURAOKA, T. *Gramática del hebreo bíblico*, §166e.

²⁵³ Cf. *ibid.*, §169d. ver também FOKKELMAN, J. P. *Op. cit.*, p. 393.

²⁵⁴ Cf. JOÜON, P.; MURAOKA, T. *Op. cit.*, §124 l;169d.

²⁵⁵ Cf. *ibid.*, §176f.

haverá uma variação no tempo da narrativa, com o que é relatado em primeiro plano (*foreground*) e a retomada de um relato antecedente em plano de fundo (*background*): o fato de que יהוה havia revelado algo a Samuel (15a: *וַיְהוָה גִּלָּהּ אֶת־אֲזָנוֹן שְׂמוֹאֵל*)²⁵⁶.

As palavras relacionadas ao tempo, como יום (15b), junto ao numeral אָחַד (15b) e à preposição לְפָנַי (15b), formam o quadro temporal, que contrapõe aos indicados pelo advérbio מִקֵּר (16a) e pelo adjunto temporal כָּעֵת (16a).

Nesta unidade, יהוה é o agente da ação verbal, enquanto Samuel é o complemento de genitivo, sendo aquele que tem os ouvidos abertos por יהוה. De Saul, tem-se a menção à sua chegada (cf. 15b).

A terceira subdivisão é, propriamente, a revelação de Deus a Samuel (v.16). As formas verbais utilizadas estão em *qal qatal* (16d: *רָאִיתִי*; 16e: *בָּצָהּ*), em *qal yiqtol* (16a: *אֶשְׁלַח*), em *qal wayyiqtol* (16b: *וַיִּמְשַׁחֲתוּ*) e em *hifil yiqtol* (16c: *וַהוֹנִשְׁיַע*). Os verbos são os de movimento, *אֶשְׁלַח* (16a), *וַיִּמְשַׁחֲתוּ* (16b), e de sentir, *רָאִיתִי* (16d). As proposições são as temporais, coordenadas em suas relações de sucessão (16abc), e as causais, indicadas pelas conjunções כִּי (16de).

O fato que ocorreu no passado é recordado em forma de *flashback*, vindo para o primeiro plano da narrativa por meio do discurso direto. Introduzido pelo *verbum dicendi* לְאֹמַר (15b)²⁵⁷, o discurso direto corresponde, então, à fala de יהוה dirigida a Samuel. Além do narrador, em toda esta seção, יהוה é o único personagem que fala. A revelação inicia-se com a fala de Deus, no futuro, como indicado pelas palavras que demarcam o quadro temporal: a única ocorrência adverbial מִקֵּר (16a) e o adjunto temporal כָּעֵת (16a). As formas verbais utilizadas cedem lugar ao *qal yiqtol* (16a: *אֶשְׁלַח*) e ao *qal wayyiqtol* (16b: *וַיִּמְשַׁחֲתוּ*), que designam o futuro deliberativo²⁵⁸, em contraste com o presente. Com o grau zero da narrativa com comunicação no presente e o tempo do evento recordado anunciando os eventos futuros, a fala de יהוה constitui-se numa predição profética²⁵⁹, com o v.15 formando uma analepse e o conteúdo de 16abc, uma prolepse²⁶⁰, de modo que para cada personagem, prolepticamente, em 16abc, são deliberadas ações em

²⁵⁶ Cf. NICCACCI, A. *Syntax of the verb in Classical Hebrew prose*. Sheffield: T&T Clark, 1990, § 135.

²⁵⁷ Acerca de fórmulas introdutórias do discurso direto, cf. ALTER, R. Op. cit., p. 104.

²⁵⁸ Cf. NICCACCI, A. Op. cit., § 135. Ver também SKA, J. L. Op. cit., p. 132.

²⁵⁹ POLZIN, R. *Samuel and the Deuteronomist: A Literary Study of the Deuteronomistic History Part Two: 1 Samuel*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1993, pp. 94-98.

²⁶⁰ Cf. FOKKELMAN, J. P. Op. cit., p. 393. Sobre prolepse, cf. DUBOIS, J. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 489.

caráter profético. A ação principal é a de יהוה que enviará (16a: אֶשְׁלַח), e o objeto direto da sua ação de envio é um אִישׁ מֵאֶרֶץ בִּנְיָמִן (“homem da tribo de benjamim”). A partir daí, constituem-se as proposições temporais com relação de sucessão (16abc): Samuel ungi-lo-á (16b: וּמָשַׁחְתּוּ) e este אִישׁ terá como tarefa salvar (16c: וְהוֹשִׁיעַ) o povo.

Os empregos do gal retrospectivo (בָּאָה, רָאִיתִי) junto às conjunções כִּי (16de) formam as orações causais, que esclarecem os motivos pelos quais ocorrerão as ações em futuro: porque יהוה viu o povo (16d: כִּי רָאִיתִי אֶת־עַמִּי) e o clamor do povo chegou até יהוה (16e: כִּי בָאָה צַעֲקָתוֹ אֵלַי), de modo que o envio e a unção do אִישׁ מֵאֶרֶץ בִּנְיָמִן para salvar o povo são uma resposta de יהוה ao pedido de súplica do seu povo, para o qual todos os sentidos de יהוה estão voltados: os olhos (16d: כִּי רָאִיתִי) e os ouvidos (16e: כִּי בָאָה צַעֲקָתוֹ אֵלַי). Seu grande ato de compaixão é para com o seu povo, que é propriedade sua (16b: עַל־עַמִּי יִשְׂרָאֵל; 16c: אֶת־עַמִּי; 16d: אֶת־עַמִּי; 17e: בְּעַמִּי), mas se encontra subjugado a outro povo, de cujas mãos precisa ser liberto (16c: מִיַּד פְּלִשְׁתִּים). As ações de Yhwh consistem, portanto, em ver o seu povo (16d: רָאִיתִי אֶת־עַמִּי) e ouvir seu clamor (16e: בָּאָה צַעֲקָתוֹ אֵלַי); por isso, envia-lhe um אִישׁ מֵאֶרֶץ בִּנְיָמִן.

Nestes versículos, concentram-se os nomes desses três povos em estado construto, que desempenham funções sintáticas diferentes. Benjamim é o povo donde se origina o homem escolhido (16a: אִישׁ מֵאֶרֶץ בִּנְיָמִן), Israel é o povo em função do qual o homem escolhido será ungido, como líder (16b: וּמָשַׁחְתּוּ לְנָגִיד), e os filisteus são esse povo do qual o líder ungido salvará Israel (16c: וְהוֹשִׁיעַ אֶת־עַמִּי מִיַּד פְּלִשְׁתִּים).

Nesta unidade, os demais personagens nada falam, sendo apenas agentes ou pacientes de alguma ação verbal. Samuel é apresentado como alguém que ungirá o futuro líder (16b: וּמָשַׁחְתּוּ) e como objeto indireto (16a: אֵלָיו) das ações de יהוה; Saul, por sua vez, oriundo da tribo de Benjamin (מֵאֶרֶץ בִּנְיָמִן), aparecerá como objeto direto das ações verbais tanto de יהוה, quanto de Samuel, de modo que será enviado por יהוה (16a: אֶשְׁלַח אֵלָיו אִישׁ) e ungido por Samuel (16b: וּמָשַׁחְתּוּ לְנָגִיד). E suas ações principais consistirão em tornar-se líder (16b: לְנָגִיד) e salvar o povo (16c: וְהוֹשִׁיעַ אֶת־עַמִּי). O substantivo comum צַעֲקָה (cf. 16e), construído com sufixo pronominal de terceira pessoa singular masculina, apresenta-se de forma personificada, referida ao povo.

A quarta subdivisão é a confirmação do que foi revelado (v.17). As formas verbais empregadas são o *qal qatal* (17a: רָאָה; 17b: עָנָהוּ; 17d: אָמַרְתִּי) e o *qal yiqtol* (17e: יַעֲזֹר). Esta parte apresenta proposição temporal com relação de simultaneidade (17a)²⁶¹, proposição relativa com sua partícula característica אֲשֶׁר (17d) e a proposição substantiva objetiva direta (17e). Os verbos são os de dizer עָנָהוּ (17b), אָמַרְתִּי (17d) e de sentir רָאָה (17a). Os sujeitos dessa parte são o tetragrama sagrado יְהוָה e o adjetivo demonstrativo זֶה (cf. 17e). O substantivo comum אִישׁ (cf. 17c), referindo-se a Saul e antecedido pela partícula demonstrativa הַזֶּה, não se apresenta como agente de ação verbal, mas configura-se um sujeito de identificação²⁶².

17a retoma o grau zero na narrativa. Com a forma verbal do *qal qatal* (רָאָה), o narrador retorna ao tempo presente do fato narrado. A informação dada é que Samuel viu Saul (17a: רָאָה), e esta proposição temporal 17a (וַיִּשְׁמוֹעַל רָאָה אֶת-שָׁאוּל) está coordenada à proposição 17b (וַיְהִי־הַיּוֹם הַהוּא), ambas possuindo uma relação de simultaneidade²⁶³: o momento em que Samuel percebe Saul é o mesmo instante em que Deus lhe confirma (17b: וַיְהִי־הַיּוֹם הַהוּא) que Saul correspondia ao homem que lhe seria enviado (17c: הַיּוֹם הַהוּא) naquele dia (16a: מִקֶּהָר) e naquela hora (16a: בְּעֵת). Aquele seria o homem que governaria sobre o seu povo (17d: אֲשֶׁר אָמַרְתִּי).

Nesta subdivisão, Samuel ou é objeto indireto (17d: אֵלַיךְ) das ações de יְהוָה, ou recebe a confirmação de que Saul seria o líder do povo de Israel (17c: הַיּוֹם הַהוּא; 17d: אֲשֶׁר אָמַרְתִּי). Já Saul, é visto por Samuel (17a: וַיִּשְׁמוֹעַל רָאָה אֶת-שָׁאוּל) e apresentado por יְהוָה (17c: הַיּוֹם הַהוּא) como aquele sobre o qual o próprio יְהוָה tinha falado ao profeta (17d: אֲשֶׁר אָמַרְתִּי אֵלַיךְ). E suas ações principais consistirão em governar sobre o mesmo povo de Israel (17e: יַעֲזֹר בְּעַמִּי).

Quanto aos termos que se repetem, em toda a seção, há quatro ocorrências da partícula de objeto direto אֶת (cf. 15a.16cd.17a), uma da partícula relativa אֲשֶׁר (cf. 17d), dois casos da partícula demonstrativa הַזֶּה (cf. 14c.17c); a conjunção וְ é empregada 4 vezes (cf. 14c.15a.17ab) e por duas vezes faz-se uso da conjunção causal כִּי (cf. 16de). עָמַי ocorre 5 vezes (cf. 16bcd.17e), sendo que uma vez עָמַי está designado por um sufixo pronominal (16e: וַעֲמַי). O termo אִישׁ ocorre duas vezes (cf. 16a.17c) e outra vez vem indicado no sufixo pronominal (cf. 16b: וּמִשְׁחָתוֹ).

²⁶¹ Cf. JOÜON, P.; MURAOKA, T. Op. cit., §166c.

²⁶² Cf. ALONSO SHÖCKEL, L. הַזֶּה *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 183.

²⁶³ Cf. FOKKELMAN, J. P. Op. cit., p. 396.

Nos nomes próprios, יהוה ocorre duas vezes (cf. 15a.17b) e outras 5 vezes em sufixos pronominais (cf. 16bcd.17e: עָמִי; 16e: אֵלַי). שְׁמוּאֵל tem três ocorrências (14c.15a.17a), com outras duas em sufixo pronominal (cf. 16a.17d: אֵלָיךְ). שְׂאוּל ocorre duas vezes (cf. 15b.17a) e há duas ocorrências de אִישׁ (cf. 16a.17c). Há outros termos que ocorrem apenas uma vez, mas que são significativos para a teologia do texto, a saber: (16a: מְאַרְץ בְּנִימָן; 16b: עָמִי יִשְׂרָאֵל; 16b: נְגִיד; 16c: פְּלִשְׁתִּים) e os verbos (16b: וּמְשַׁקְּתוּ; 16c: וְהוֹשִׁיעַ; 16d: רְאֵיתִי; 17e: יַעֲזֹר), de tal modo que esses termos que foram aludidos, acima, determinam o campo semântico do texto. Circunscrito entre Yhwh, Samuel e Saul: o divino, o profético e o escolhido, o texto aponta, sobretudo, para um esquema de revelação, indicado pelos verbos “abrir o ouvido” e “ver”. Há, também, traços de relato de vocação com escolha divina e com designação profética, e a função que o escolhido deve exercer. Tudo gira em favor do povo, em torno do seu governo e da sua salvação.

Com efeito, além dos personagens e das formas verbais, o texto também apresenta termos que se correspondem e pode-se detectar que ele está organizado de forma simétrica. Esta se confirma pelo uso de diversos tipos de paralelismo: antitético, sintético, sinonímico e climático ou “climático”. Observar-se-á, abaixo, como o texto está estruturado.

3.2.3.
Estrutura Simétrica de 1Sm 9, 14b-17

INTRODUÇÃO:

“Eis que Samuel, ao encontrá-los, estava saindo...”

	הָעִיר	בְּתוֹךְ	בָּאִים	הִמָּה ^{b14}	}
הַבְּמָה:	לְעֵלוֹת ^{d14}	לִקְרֹאתָם	יֵצֵא	וְהִנֵּה ^{c14} שְׂמוּאֵל	

ANÚNCIO DA REVELAÇÃO:

“E Yhwh abraza o ouvido de Samuel”

	שְׂמוּאֵל	אֶת-אָזְנוֹ	גָּלָה	וַיְהִי־הָ ^{a15}	}	A
לֵאמֹר:	בּוֹא-שְׂאֹל	יּוֹם אֶחָד לַפְּנֵי ^{b15}				

A REVELAÇÃO DE YHWH:

“Enviar-te-ei um homem”

	מֵאֲרִיז בְּנִימָה	אִישׁ	אֶלֶיךָ	אֲשַׁלְּחֶנּוּ	כָּעֵתוֹ מֵחָר ^{a16}	}	B
	יִשְׂרָאֵל	עַל-עַמִּי	לְנַגִּיד	וּמִשְׁחָתוֹ ^{b16}			
	מִיַּד פְּלִשְׁתִּים	אֶת-עַמִּי		וְהוֹשִׁיעַ ^{c16}		}	C
		אֶת-עַמִּי		כִּי ^{d16}			
	אֵלַי	צִעֲקוּ		בְּאֵה	כִּי ^{e16}	}	D

A CONFIRMAÇÃO DE YHWH

“Eis o homem do qual te disse”

	אֶת-שְׂאֹל	וְשְׂמוּאֵל ^{a17}	רָאָה	}	A'
	הַנֶּה קְאִישׁ ^{c17}	וַיְהִי־הָ ^{b17}	עָנָהוּ		
	יְהִי יַעֲזָר בְּעַמִּי: ^{e17}	אֲמַרְתִּי אֵלֶיךָ ^{d17}		}	C'

A unidade apresenta uma estrutura simétrica composta por paralelismos²⁶⁴. Com uma introdução e mais outras três partes que se caracterizam por apresentar elementos equidistantes correspondentes, tendo entre si um centro comum, em torno do qual os pares se correspondem paralelamente. Este centro comum não tem correspondência e se estende como o elemento agregador, o motor, a razão de ser pela qual se movem os outros elementos em paralelo.

A introdução não dispõe dos elementos em paralelo, apenas as três partes seguintes do relato. Como o conteúdo parece ter todo um tom profético, a estrutura dessas partes demonstra caracterizar-se como uma relação entre pares de profecia e de realização.

Desse modo, o primeiro par correspondente, A – A', apresenta a característica de anúncio / cumprimento. Em A, diz-se que Yhwh abre os ouvidos de Samuel, antes da chegada de Saul; em A' tem-se o efeito, quando, porém, como que os olhos de Samuel são abertos e, então, ele enxerga Saul. Os elementos comuns são Samuel e Saul e as funções desempenhadas pelos sentidos: abrir o ouvido / ver.

Nos pares B – B', na primeira parte, em B, Yhwh faz o anúncio a Samuel de que lhe enviaria um homem da tribo de Benjamim; na segunda parte do par, em B', Yhwh lhe responde, apresentando-lhe Saul, como o referido homem, com o cumprimento do que foi prometido. O elemento comum a ambos é o termo וְיָשָׁר (16a.17c).

Em C – C', no primeiro membro, em C, é dito que o homem enviado deveria ser ungido e salvar o povo; no segundo segmento do par, ou seja, em C', há a confirmação de Yhwh: Saul era aquele homem sobre o qual fora dito e ele governaria o povo de Yhwh. O elemento linguístico presente em ambos é o termo וְיָשָׁר . (16bc.17e).

Em D, tem-se o centro da estrutura, sem correspondência de pares, caracterizado por duas proposições causais, funcionando como o eixo de toda a estrutura que demonstra a razão pela qual os elementos equidistantes se correspondem: Yhwh envia um homem para ser ungido, para salvar e para

²⁶⁴ Cf. WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*, pp. 120-125; SIMIAN-YOFRE, H. (Org). *Metodologia do Antigo Testamento*, pp. 97-99; LIMA, M. L. C. *Exegese Bíblica: teoria e prática*, pp. 115-121; GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. *A Bíblia como Literatura*. São Paulo: Loyola, 1993, pp. 44-48.

governar o povo, porque Yhwh viu o seu povo e o clamor desse povo chegou aos ouvidos de Yhwh.

Toda a estrutura está entrelaçada por algumas amarras textuais que dão a unidade de assunto e a coerência ao texto. Assim, os termos: הָגָה (cf. 14c.17c), שְׁמוֹאֵל (cf. 14c.15a.17a), שָׂאוּל (cf. 15b.17a), אֵישׁ (cf. 16a.17c), יְהוָה (cf. 15a.17b) e עָמִי (cf. 16bcd.17e) entrelaçam toda a estrutura.

Analisando, agora, as partes do texto, observa-se que são formadas por diversos tipos de paralelismo. Tendo em vista que o paralelismo dos membros consiste na combinação equilibrada com que ideias e conteúdos estão dispostos no texto, de tal maneira que duas linhas-membros de um mesmo período se correspondem, percebe-se que é dessa forma que estão estruturadas as partes desta unidade.

הָעִיר	בְּתוֹךְ	בָּאִים	הָמָּה ^{b14}	}	Introdução
:הַבְּמָה	לְעֵלוֹת ^{d14}	לְקִרְאָתָם	יֵצֵא שְׁמוֹאֵל ^{c14} יְהוָה		

A parte da introdução está disposta de tal maneira que apresenta um paralelismo antitético, que se caracteriza por apresentar dois membros em sentido equivalente, mas em formulação antitética. Nesse caso, os movimentos dos personagens são feitos de forma equivalente, mas em sentido inverso, e os termos que se opõem, causando a antítese, encontram-se registrados nos sentidos expressos pelos verbos “chegar” (14b: בָּאִים) e “sair” (14c: יֵצֵא).

שְׁמוֹאֵל	אֶת־אֹנָן	גָּלָה	יְהוָה ^{a15}	}	Anúncio da Revelação
:לְאִמֶּר	בּוֹא־שְׂאוּל	יּוֹם אֶחָד לַפָּנִי ^{b15}	בּוֹא־שְׂאוּל		

O anúncio se caracteriza por apresentar um paralelismo sintético, segundo o qual a segunda linha, 15b, continua a ideia da primeira, 15a, acrescentando-lhe explicações: o tempo em que Yhwh fez a revelação a Samuel.

A Revelação de Yhwh

מִצְרַיִם בְּנִזְמֹ	אִישׁ אֶלְיָהוּ	אֲשַׁלַּח	מִצְרַיִם מִצְרַיִם ^{a16}	}	B	
יִשְׂרָאֵל	עַל-עַמִּי לְנָגִיד	וּמִשְׁחָתוֹ ^{b16}	}			C
מִיַּד פְּלִשְׁתִּים	אֶת-עַמִּי	וְהוֹשִׁיעַ ^{c16}				
אֶת-עַמִּי	רְאִיתִי	כִּי ^{d16}	}			D
אֱלֹהֵי צְעָקָתוֹ	בָּאָה	כִּי ^{e16}				

A parte da revelação é composta por paralelismos climático e sinonímico. As linhas 16abc formam o paralelismo climático ou “climático”, segundo o qual uma ideia é desenvolvida gradualmente até que se chegue ao seu clímax. No caso, o processo gradual consiste em que um homem será enviado e será ungido, como líder do povo, e o clímax ao qual se chega é que o homem salvará o povo. Já as linhas 16de formam o paralelismo sinonímico, que apresenta a mesma ideia repetida com outras palavras: Yhwh viu o povo, e seu clamor chegou até ele. No texto, o “ver” e o “ouvir” se confundem.

A Confirmação de Yhwh

אֶת-שָׂאוּל	רָאָה	וּשְׂמוּאֵל	a17	}	A'		
הִנֵּה הָאִישׁ ^{c17}	עָנָהוּ	וַיִּהְיֶה	b17			}	B'
יְהִי יַעֲצֹר בְּעַמִּי: ^{e17}	אֶמְרָתִי אֶלְיָהוּ	אֲשֶׁר	d17				

A última parte da estrutura também corresponde ao paralelismo²⁶⁵ climático. Nesse caso, o processo gradual consiste em que Samuel viu Saul, o segundo passo dado é que Saul era o homem acerca do qual Yhwh tinha falado a Samuel e o cume do paralelismo consiste em que (יָהּ) este (אִישׁ) homem (שָׂאוּל) Saul governará o povo.

²⁶⁵ Fokkelman reconhece essa estrutura como um início de paralelismo, mas prefere lê-la como o que ele chama de sincronismo ativo. Cf. FOKKELMAN, J. P. Op. cit., p. 397.

3.3 Comentário Exegético a 1Sm 9,14b-17

Como destaca Alter²⁶⁶, a narrativa bíblica, desenvolvida dentro da concepção do monoteísmo bíblico, vê toda pessoa humana como criatura de um Deus onisciente; por isso, concebe que tudo quanto ocorre com as coisas, e com o homem em particular, é acompanhado por esse mesmo Deus, que, entretanto, respeita todos em sua liberdade. Conforme Alter, a caracterização dos personagens bíblicos é ditada pela visão bíblica do homem, de tal modo que na vida do homem bíblico não há acaso ou coincidência, porque por trás de todas aquelas ocorrências aparentemente acidentais podem ser descobertas as mãos providentes de Deus. Por trás de tudo aquilo que é uma aparência há uma realidade²⁶⁷.

No relato da escolha de Saul, em 1Sm 9,1-10,16, no qual se encontra a seção aqui estudada, não é diferente, quando durante todo o percurso de busca pelas jumentas perdidas de seu pai, as tantas ocorrências com aparência de acaso terminarão fazendo com que Saul encontre diante de si um reino²⁶⁸. Toda a narrativa mostrará que, em cada passo dado na sua procura, Saul estava sendo dirigido pelas mãos providentes de Deus²⁶⁹, sendo instrumento da escolha divina, a qual em nenhum momento interferiria em sua incomensurável liberdade²⁷⁰.

Antes, porém, de analisar a seção 1Sm 9,14b-17, convém perceber em que processo no interior da própria narrativa bíblica e no ambiente da história de Israel se dá o surgimento de Saul e esse relato do encontro com Samuel.

Na narrativa, em alguns versículos antes, mais especificamente no capítulo anterior (cf. 8,20), Israel havia pedido um rei. Como observa Cooper²⁷¹, aí começa a história do primeiro rei de Israel, já com o pedido dos anciãos para que Samuel lhes encontrasse um rei. Convém, então, analisar esse contexto.

²⁶⁶ ALTER, R. Op. cit., 2007, p. 175.

²⁶⁷ JACOBS, J. Op. cit., p. 504; McCARTER, P. K. Op. cit., p. 185.

²⁶⁸ GONZÁLEZ LAMADRID, A. *As tradições históricas de Israel*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 71; CAMPBELL, A. F. *1 Samuel*, p. 105.

²⁶⁹ Cf. TSUMURA, D. T. Op. cit., p. 273.

²⁷⁰ Cf. HUMPHREYS, W. L. *From tragic hero to villain: a study of the figure of Saul and the development of 1 Samuel*, p. 100; MURPHY, F. A. *1 Samuel*. Grand Rapids: Brazos Press, 2010, p. 77.

²⁷¹ COOPER, R. H. 'Too Tall by Half' – King Saul and Tragedy in the Hebrew Bible. *The Journal of Progressive Judaism* 9 (1997), p. 6.

3.3.1

Contexto para o surgimento de Saul como primeiro rei de Israel

Até então a organização política de Israel consistia no sistema tribal. Em termos históricos, consoante Liverani²⁷², é improvável que já desde o início houvesse uma autoidentificação étnica geral como uma liga de doze tribos. De modo que o termo “Israel” parece bem mais circunscrito, talvez indicando somente o conjunto das tribos do centro, Manassés-Efraim-Benjamim. Efetivamente, Saul tornar-se-ia líder das tribos de Efraim e Benjamim, como informa Liverani²⁷³, a cujo território o cenário do reino de Saul está limitado. Assim, como informa este autor, as generalizações presentes no livro de Samuel, como “todas as tribos de Israel” (cf. 1Sm 10,20), que pintam um quadro pan-israelita, são de matriz tardia.

Em sua forma de organização, o sistema de tribos caracteriza-se por não ter taxação para sustentar uma classe dirigente estável, por apresentar um forte sentido de pertença, a consciência da comum descendência, a consciência de um Deus nacional, que, conforme Liverani²⁷⁴, é uma releitura posterior. Sistema, esse, que é baseado mais em estruturas de estirpes do que administrativas.

Segundo os dados bíblicos, este era o sistema que o Israel de então via como suficiente para garantia das suas necessidades políticas básicas. Um sistema no qual cada tribo era independente²⁷⁵, formada pela autoridade aristocrática dos anciãos e pela instituição democrática da assembléia de todos os homens aptos para a guerra, sem possuir um governo central.²⁷⁶ Somente quando a situação exigia, nos momentos de crise ou quando eram ameaçados de forma grave por alguma potência estrangeira, é que, transitoriamente, organizavam-se em torno de uma direção política centralizada²⁷⁷; enquanto Yhwh suscitava um líder, os “juízes” do livro dos juízes, que exerciam suas funções militares para defender as possessões israelitas contra os ataques estrangeiros.

²⁷² LIVERANI, M. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2014, p. 93.

²⁷³ *Ibid.*, p. 124.

²⁷⁴ *Ibid.*, pp. 108-109.

²⁷⁵ DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos. Vol. 1: Dos primórdios até a formação do Estado*. São Leopoldo, RS: Sinodal; Faculdades EST, 2014, p. 207.

²⁷⁶ ALT, A. *Terra Prometida: Ensaio sobre a história do povo de Israel*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987, p. 116.

²⁷⁷ Cf. IGNACIO BLANCO, J. *Samuel e o desprestígio das instituições religiosas*. In: VV.AA. *Personagens do Antigo Testamento vol. II*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 26; HERRMANN, S. *Historia de Israel en la época del Antiguo Testamento*. Salamanca: Sigueme, 1985, p. 173.

Segundo a tradição bíblica, esses eram líderes carismáticos que exerciam suas funções com base em alguma vocação ou entusiasmo repentino e pessoal. Essa liderança carismática se caracterizava por não tolerar uma consolidação institucional nem permitir a hereditariedade, uma vez que tais funções pertenciam a Yhwh, que deveria ser o único chefe de Israel. A força congregadora exercida por cada líder se dava porque eles agiam em nome de Yhwh; por isso, após a morte ou depois de realizada a tarefa político-militar, tais líderes tinham o seu poder extinguido e cada tribo voltava à sua independência habitual.²⁷⁸

Ainda no tempo dos juízes, segundo as tradições bíblicas, tinha havido uma primeira tentativa de instauração de monarquia²⁷⁹ - que aparece como uma espécie de alternativa sombria à liderança carismática dos juízes, como informa McConville²⁸⁰ - quando, em Jz 8,22-23, uma parte do povo quer institucionalizar em Gedeão o carisma de chefe e a hereditariedade²⁸¹. Tendo Gedeão recusado, uma segunda tentativa foi protagonizada pelo seu filho, Abimelec (cf. Jz 9). Tentativa, esta, que, porém, foi mal sucedida²⁸², de tal modo que a vida das tribos, independentes politicamente, permaneceu intacta. Esse empreendimento mal sucedido de Abimelec fez com que o Israel de então não visse com bons olhos a estrutura duradoura de um Estado²⁸³.

Conforme destaca Sicre²⁸⁴, sendo histórica ou inventada, essa tradição reflete o aspecto essencial da instituição monárquica, o fato de que a monarquia não está sujeita à incerteza que a morte do chefe pode causar. Por outro lado, o que se temia na sua institucionalização era o perigo de esquecer que o único chefe de Israel era Yhwh. Em todo caso, como destaca McConville²⁸⁵, os relatos de Gedeão (cf. Jz 8,22-23) e Abimelec (cf. Jz 9), a advertência de Joatão (cf. Jz 9,7-15) e a descrição do caos de Israel sem rei, (cf. Jz 17-21) serviram como

²⁷⁸ Cf. ALT, A. Op. cit., pp. 116-117; SICRE, J. L. *De Davi ao Messias: textos básicos da esperança messiânica*, p. 24; LIVERANI, M. Op. cit., p. 95.

²⁷⁹ SICRE, J. L. Op. cit., p. 23.

²⁸⁰ McCONVILLE, J. G. *Rei e Messias no Deuteronômio e na história deuteronomista*. In: DAY, J. (org.) *Rei e Messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo*. São Paulo, Paulinas, 2005, p. 282.

²⁸¹ SICRE, J. L. Op. cit., p. 24. Ver também LEVINSON, D. *A psicopatologia do Rei Saul (1Sm 8-31)*. In: BÜCHMANN, C.; SPIEGEL, C. *Fora do Jardim – Mulheres escrevem sobre a Bíblia*. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 137.

²⁸² ALT, A. Op. cit., p. 117.

²⁸³ DONNER, H. Op. cit., p. 211.

²⁸⁴ SICRE, J. L. Op. cit., p. 24.

²⁸⁵ McCONVILLE, J. G. Op. cit., p. 282.

prelúdios de uma nova forma de liderança que provocaria discórdia entre Samuel e o Israel do seu tempo e encontraria seu auge em 1Sm 8-12.

Assim, consoante os autores, essas tentativas anteriores de institucionalização de um chefe fracassaram porque a situação daqueles israelitas ainda não era muito grave. Nas vezes em que eram ameaçados, os ataques vinham apenas de povos pequenos ou de tribos vizinhas. E como eram ameaças localizadas, os líderes carismáticos eram suficientes para afastar os perigos. A situação muda, porém, quando o Israel de então tem de enfrentar os filisteus²⁸⁶.

Os filisteus pertenciam aos chamados povos do mar, que migraram das regiões das ilhas gregas ou do Egeu, na Ásia Menor, ou de Chipre, por pressão de outros povos que invadiam aquelas regiões²⁸⁷. Enquanto as tribos israelitas já estavam estabelecidas nas regiões montanhosas da Palestina, os filisteus ocuparam-se das planícies litorâneas, durante o reinado de Ramsés III²⁸⁸. Conforme Donner, talvez eles tivessem se assentado até mesmo como colônia militar dos egípcios. Estes, consoante Liverani²⁸⁹, pelo menos até o período de Ramsés VI, continuaram a considerar como seus o território “cananioco-filisteu”. Liverani sublinha que os filisteus tiveram o aval faraônico para se assentar na região. Assim, por meio dos filisteus, os egípcios manteriam um controle que já não estavam mais conseguindo.

Com o tempo, o vazio deixado pelo desaparecimento do controle egípcio²⁹⁰, que ficou restringido à região do Nilo, permitiu que os filisteus se sentissem como que os sucessores diretos dos faróis egípcios²⁹¹. E, com isso, eles quiseram impor sua hegemonia sobre toda a Palestina. Diferentemente dos outros povos que os israelitas (Efraim e Benjamim) enfrentaram, povos esses que eram mais fracos

²⁸⁶ Cf. NA'AMAN, N. Op. cit., p. 652; BRIGHT, J. Op. cit., p. 230; HERRMANN, S. *Historia de Israel en la época del Antiguo Testamento*. Salamanca: Sigueme, 1985, p. 173; SICRE, J. L. *De Davi ao Messias: textos básicos da esperança messiânica*, p. 26; CAZELLES, H. *História política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 110; DREHER, C. A. *O surgimento da monarquia israelita sob Saul*. Estudos Teológicos. 28 (1988), p. 62; KAISER, W. C. *History of Israel: the Old Testament and its times*. Nashville: Broadman & Holman, 1998, p. 204.

²⁸⁷ AHARONI, Y. *The Land of the Bible: A Historical Geography*. London: Burns & Oates, 1967, p. 245. Ver também MAZAR, A. *The Israelite Settlement*. In: FINKELSTEIN, I.; MAZAR, A. *The Quest for the Historical Israel: Debating Archaeology and the History of Early Israel*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007, p. 96.

²⁸⁸ DONNER, H. Op. cit., p. 212.

²⁸⁹ LIVERANI, M. Op. cit., p. 105.

²⁹⁰ CAZELLES, H. Op. cit., p. 110.

²⁹¹ ALT, A. Op. cit., p. 113.

militarmente, os filisteus formavam uma aristocracia de longa tradição militar²⁹². Conforme Liverani, eles compunham núcleos bem armados e determinados, embora numericamente reduzidos. Entretanto, estes povos ocidentais não eram mais inimigos esporádicos contra os quais as campanhas isoladas dos israelitas (Efraim e Benjamim) eram suficientes²⁹³. Como os filisteus se propuseram a dominar todo o território palestino, seus ataques eram permanentes. E o sistema tribal dos líderes carismáticos, dependente da missão e da iniciativa de um só personagem que recrutava o exército às pressas, não se mostrava suficientemente eficaz para fazer frente a frequentes ameaças²⁹⁴.

Diante dos habilidosos filisteus, Israel apresentava uma fragilidade e uma imperfeição de organização política²⁹⁵, de tal modo que num dos primeiros grandes confrontos, na chamada batalha de Afec (cf. 1Sm 4), os israelitas foram ferozmente vencidos, seguindo-se uma série de eventos que os levariam a estar subjulgados aos filisteus. Conforme os dados bíblicos, os israelitas de então perderam cerca de 4 mil soldados, inclusive os seus líderes religiosos Hofni e Fineias, filhos de Eli; a Arca da Aliança, que representava a presença de Yhwh, e levada por eles na esperança de serem protegidos, foi capturada²⁹⁶. Flanagan²⁹⁷ considera que a perda da Arca simboliza o fim de um estágio, com os períodos seguintes sendo lidos como tumultuosos e caóticos. O santuário de Silo, no qual a Arca ficaria, foi destruído²⁹⁸. De modo que a vitória realizada em Masfa, sob a condução de Samuel (cf. 1Sm 7), parece ter sido um fato isolado²⁹⁹ ou talvez nem tenha sido histórica³⁰⁰.

Os filisteus pretenderam exercer sobre os campos e os territórios conquistados um domínio fiscal. Conforme os dados bíblicos, eles instalaram, então, guarnições nas regiões dominadas, com a finalidade de manter a ordem e de arrecadar tributos (cf. 1Sm 10,5; 13,3), e impuseram algumas proibições para que tivessem o monopólio sobre o ferro (cf. 1Sm 13,19-22), com o fim de que os

²⁹² BRIGHT, J. Op. cit., p. 230.

²⁹³ DREHER, C. A. Op. cit., p. 62.

²⁹⁴ Cf. HERRMANN, S. Op. cit., p. 174.

²⁹⁵ ALT, A. Op. cit., p. 119.

²⁹⁶ Blanco sublinha que isso evidencia um comportamento que o antigo testamento procurava sempre corrigir: servir a Yhwh e não se servir de Yhwh. Cf. IGNACIO BLANCO, J. Op. cit., p. 29.

²⁹⁷ FLANAGAN, J. W. *Chiefs in Israel*. JSOT 20 (1981), p. 56.

²⁹⁸ Cf. BRIGHT, J. Op. cit., p. 230; DONNER, H. op. cit., p. 213; KAISER, W. C. Op. cit., p. 206.

²⁹⁹ Cf. KAISER, W. C. Op. cit., p. 206.

³⁰⁰ Cf. ALT, A. Op. cit., p. 119, nota 20.

israelitas fossem ainda mais dependentes e a eles estivessem subjugados. Desse modo, a situação dos israelitas tendia por se assemelhar àquela de quando eles estavam escravos no Egito, pois o sistema era o mesmo³⁰¹ e a humilhação era quase total³⁰². Bright³⁰³ destaca que os filisteus foram, para Israel, uma ameaça como nunca haviam enfrentado antes. E, conforme Alt³⁰⁴, o quanto essa dominação filisteia pesava sobre o Israel tribal pode ser ponderado nas reações que causaria: a organização de um Estado.

Para os filisteus, em vista do seu propósito de controlar todo o território da Palestina, Israel era mais um território a ser anexado e tributado, de modo que pudessem avançar em seus domínios e estabelecer a sua soberania ao molde dos egípcios, a quem eles sucediam³⁰⁵.

Motivados, então, por esse fator externo, somando-se aos fatores internos da idade avançada de Samuel, o último dos juízes, e da infidelidade dos seus filhos na administração³⁰⁶ (cf. 1Sm 8,5), o fator da religião³⁰⁷ ou o fato de aquele ter sido o momento da história no qual Israel sentiu ter alcançado certo grau de maturidade para a mudança³⁰⁸, por todas essas circunstâncias, os anciãos, de Efraim e Benjamim, foram levados a pensar na necessidade de se passar para uma nova etapa, do regime tribal para o Israel monárquico, de se organizar uma defesa que fosse constante e permanente para fazer frente aos filisteus, os maiores adversários do momento, e, então, decidiram ter um rei como todas as outras nações. E Samuel recebe a incumbência de encontrar alguém que seja idôneo³⁰⁹.

É nesse contexto que surge a figura de Saul como o homem que será escolhido por Deus e ungido por Samuel para conduzir o povo (cf. 1Sm 9,17). Já aparecendo na narrativa de uma forma promissora³¹⁰, filho de um pai valente, um

³⁰¹ Cf. ALT, A. Op. cit., p. 121.

³⁰² Cf. KAISER, W. C. Op. cit., p. 205; WELLHAUSEN, J. Op. cit., p. 252.

³⁰³ BRIGHT, J. Op. cit., p. 230.

³⁰⁴ Cf. ALT, A. Op. cit., p. 121.

³⁰⁵ Ibid., p. 119; SICRE, J. L. *De Davi ao Messias: textos básicos da esperança messiânica*, p. 26; Cf. IGNACIO BLANCO, J. *Saul: o aprendizado de um político*. In: VV. AA. *Personagens do Antigo Testamento*, v. I. São Paulo: Loyola, 2002, p. 168.

³⁰⁶ KAISER, W. C. Op. cit., p. 205.

³⁰⁷ FLANAGAN, J. W. Op. cit., p. 66; KIM, J. B.; HUMAN, D. J. *Nagid: a re-examination in the light of the Royal ideology in the ancient near east*. *Hervormde Teologiese Studies*, 64 (2008), p. 1493.

³⁰⁸ SICRE, J. L. Op. cit., p.30.

³⁰⁹ Cf. HERRMANN, S. Op. cit., p. 178.

³¹⁰ Cf. LEVINSON, D. Op. cit., p. 137.

homem de posses, possivelmente um dos mais notáveis da região³¹¹ (cf. 1Sm 9,1,3), Saul é apresentado como uma figura de grande potencial, destacando-se dos demais quanto à sua aparência física e estatura³¹² (cf. 1Sm 9,2; 10,24). É apresentado, também, como um homem que sabe ser obediente (cf. 1Sm 9,3) - característica importante para um rei que precisaria estar sob a autoridade de Deus³¹³ - fazendo, inclusive, um contraste com a desobediência dos filhos de Samuel³¹⁴. Também o fato de ser da tribo de Benjamin (cf. 1Sm 9,16) é favorável. Por ser a menor das tribos (cf. 1Sm 9,21), Benjamin nunca teria desejado dominar as demais; localizada no centro, numa zona neutra em relação aos dois poderes rivais, Efraim e Judá, e diretamente ameaçada, isso reduziria a rivalidade entre elas³¹⁵. Além de que era uma tribo de valentes soldados³¹⁶ (cf. 1Sm 9,1; Gn 49,27). Eram bloqueadores de estrada, segundo Donner³¹⁷, gente perigosa diante da qual os viajantes tinham de se cuidar (cf. Jz 20,15). Eram habilidosos no manejo da espada (cf. Jz 20,15) e nos ataques de arremessos com a mão esquerda (cf. Jz 20,16)³¹⁸. O fato de Saul sair menor das tribos também ilustra o princípio, ou o padrão, de que Deus alcança os tidos como pequenos, em detrimento dos mais poderosos³¹⁹. Diante deste quadro, Saul se apresentará como o indivíduo idôneo (17c: שׂוֹמֵר הַמִּצְוֹת) - como Deus o revelará a Samuel -, o homem perfeito para a posição³²⁰.

³¹¹ Cf. CAMPBELL, A. F. *1 Samuel*, p. 105; HUMPHREYS, W. L. *From tragic hero to villain: a study of the figure of Saul and the development of 1 Samuel*, p. 98; LANEY, J. C. Op. cit., p. 37; ACKROY, P. R. *The First Book of Samuel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971, p. 75.

³¹² Cf. HUMPHREYS, W. L. *The rise and fall of King Saul: a study of an ancient narrative stratum in 1 Samuel*, p. 78; BIRCH, B. C. Op. cit., p. 57; LEVINSON, D. Op. cit., p. 137.

³¹³ Cf. PETERSON, E. H. Op. cit., p. 60; LEVINSON, D. Op. cit., p. 137.

³¹⁴ EDELMAN, D. V. Op. cit., p. 44.

³¹⁵ BRIGHT, J. Op. cit., p. 234; PAYNE, D. F. *I & II Samuel*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1982, pp. 45-46.

³¹⁶ MARTENS, E. A. מְרִיבֵי. In: HARRIS, R. L. (org) *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 191.

³¹⁷ DONNER, H. Op. cit., p. 166.

³¹⁸ MURPHY, F. A. Op. cit., p. 71.

³¹⁹ Cf. MARTENS, E. A. מְרִיבֵי, p. 191; PRESTON, T. R. *The Heroism of Saul: Patterns of Meaning in the Narrative of the early Kingship*. JSOT 24 (1982), pp. 28-29.

³²⁰ Cf. MURPHY, F. A. Op. cit., p. 72; HERRMANN, S. Op. cit., p. 178.

3.3.2 Introdução ao encontro entre Samuel e Saul

1Sm 9,14b : ס: הָמָּה בָּאִים בְּתוֹךְ הָעִיר וְהִגָּה שְׂמוֹאֵל יֵצֵא לְקִרְאָתָם לְעֲלוֹת הַבְּמֹה:

Como que para mostrar que o filho de Cis era o homem apropriado para o ofício, o narrador, tendo inserido abruptamente o relato de Saul³²¹, faz com que o jovem saia para “procurar” (cf. 9,3: בָּקַשׁ) as jumentas perdidas de seu pai no exato momento em que Yhwh e Samuel procuravam um rei para o povo³²². A busca pelas jumentas é uma alusão à busca pelo rei ou pelo reinado que Saul está destinado a conquistar³²³.

Num jogo de palavras de encontros e desencontros, Saul e o servo passam de um lugar a outro sem nada encontrar (cf. 9,4: וְלֹא מָצְאוּ); decidem-se a procurar o homem de Deus (cf. 9,6); depois o servo encontra algumas moedas no bolso (cf. 9,8); em seguida eles encontram algumas jovens pelo caminho (cf. 9,11), até que, nesses encontros e desencontros, acontece a cena que realmente interessava: o encontro com Samuel (cf. 9,14s)³²⁴.

O nome de Samuel até então estava anônimo no relato. Saul e seu servo tinham saído à procura do vidente, do homem de Deus, que eles não sabiam quem era. E, como na narrativa tudo vinha ocorrendo aparentemente por acaso, também por acaso eles encontram o homem de Deus pelo caminho; quando só então o vidente tem o seu nome revelado³²⁵. O narrador faz saber que aquele a quem eles procuravam era o profeta Samuel: aquele que deveria transmitir o oráculo divino³²⁶. O curioso é que na narrativa ele não passa de um desconhecido para Saul, o qual ignora o nome e a residência do homem de Deus³²⁷. Um

³²¹ Cf. PIXLEY, J. *Ter Deus como rei é perigoso – 1Samuel 1-12, uma leitura atenta*, p. 67.

³²² Cf. LEVINSON, D. Op. cit., p. 138; PETERSON, E. H. Op. cit., p. 60; PAYNE, D. F. Op. cit., p. 45.

³²³ RUDMAN, D. *The Commissioning Stories of Saul and David as Theological Allegory*. *Vetus Testamentum L*, 4 (2000), p. 521. Rudman (p. 523) também faz notar aqui uma alegoria entre a situação de Israel para com Yhwh, e o modo como, em alguns textos, as jumentas são utilizadas para satirizar uma pessoa (cf. Nm 22, 21-33) ou um grupo (cf. Is 1,3) e descritas como animais com falta de percepção, que saem do controle, por vezes estúpidos, com uma recusa teimosa em fazer a vontade do seu senhor (cf. Pr 26,3; Sl 32,9); assim, nesse contexto, também estariam representando Israel.

³²⁴ Cf. JACOBS, J. Op. cit., pp. 507-508; MURPHY, F. A. Op. cit., p. 72; PETERSON, E. H. Op. cit., p. 60; LEVINSON, D. Op. cit., p. 138.

³²⁵ Cf. MURPHY, F. A. Op. cit., p. 72; WELLHAUSEN, J. Op. cit., p. 253; HERTZBERG, H. W. Op. cit., p. 79.

³²⁶ ÁLVAREZ BARREDO, M. Op. cit., p. 277.

³²⁷ WELLHAUSEN, J. Op. cit., p. 253; HERTZBERG, H. W. Op. cit., p. 79.

desconhecimento que Bergen³²⁸ considera como uma espécie de cegueira em Saul, pois ele está diante do mais famoso e honrado líder religioso e político em Israel e, olhando para ele, enxerga apenas um estranho.

Samuel que fora consagrado a Yhwh como *Nazir* (cf. 1Sm 1,27), tinha sido aprendiz do sacerdote Eli, no santuário de Silo (cf. 1Sm 3,1), sucedendo-o depois nas funções sacerdotais (cf. 1Sm 7,10), fora uma espécie de representante de Deus, um profeta entre Deus e o povo, gozando de autoridade ilimitada (cf. 1Sm 12,18-23), sendo também o último dos juízes, quando ficara com a incumbência de terminar o trabalho começado por Sansão na luta contra os filisteus (cf. 1Sm 7,15-17)³²⁹. Era, portanto, conhecido em todo o Israel.

Muitos autores sugerem que a cidade inominada na qual ocorre o inesperado encontro seja Ramá³³⁰, a cidade na qual nascera o profeta. Edelman³³¹ faz notar que o lugar alto para o qual Samuel se dirige, e para o qual conduzirá Saul para fazer uma refeição com ele, é o caminho para o santuário, onde abençoará o sacrifício em favor do povo. Tais lugares, construções edificadas sobre montículos artificiais, cobertos ou ao ar livre, foram espaço de culto dos cananeus, onde tinham os seus santuários. E, conforme os autores, desde os inícios até o fim da monarquia, a religião israelita tinha uma atitude positiva para com tais localidades, fazendo também desses *bamot* seus lugares de culto. Mais tarde, porém, com o perigo do sincretismo, e com a centralização do culto em Jerusalém, os profetas condenam o culto nesses ambientes. Talvez, então, por causa da destruição do santuário de Silo, Samuel tenha se dirigido para oferecer sacrifício nesses *bamot*, pois também na sua cidade, Ramá, ele edificou um altar para Yhwh (cf. 1Sm 7,8-10.17; 9,12s; 11,14-15)³³².

³²⁸ BERGEN, R. D. Op. cit., pp. 123-124.

³²⁹ WELLHAUSEN, J. Op. cit., p. 253; HERTZBERG, H. W. Op. cit., p.79; KAISER, W. C. *History of Israel*, p. 205; IGNACIO BLANCO, J. *Samuel e o desprestígio das instituições religiosas*, p. 28; BLENKINSOPP, J. *A History of Prophecy in Israel*. Louisville: Westminster John Knox, 1996, p. 52; REISS, M. *Samuel and Saul: a Negative Symbiosis*. *Jewish Bible Quarterly* 32 (1, 2004), p. 35.

³³⁰ GORDON, R. P. *I & II Samuel: A Commentary*. Grand Rapids: Regency Reference Library, 1988, p. 113; PETERSON, E. H. Op. cit., p. 60; ACKROY, P. R. Op. cit., p. 77. Por outro lado, Luck discorda. Cf. LUCK, G. C. *The First Meeting of Saul and Samuel*. *Bibliotheca Sacra* 124 (1967) p. 254.

³³¹ EDELMAN, D. V. Op. cit., p. 47.

³³² Cf. SCHUNCK, K.-D. הָרָמָה. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H. *Theological Dictionary of the Old Testament*, v. 1. Grand Rapids: Eerdmans, 1988, pp. 143-144; GORDON, R. P. Op. cit., p. 114; LUCK, G. C. Op. cit., pp. 255-257; DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, pp. 322-326; ROBINSON, G. *Let Us be Like the Nations: A Commentary on the Books of 1 and 2 Samuel*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993, p. 57.

Ocorre, então, o encontro entre o futuro primeiro rei de Israel e o último dos juízes. Enquanto Samuel é o vidente, aquele que conhecerá o ignoto Saul até antes de se encontrar com ele, Saul não sabe nada acerca do mais famoso homem em Israel. Levinson³³³ sublinha que é o encontro entre o jovem que não sabe nada e o ancião que tudo sabe. Assim, essa incapacidade de ver em Saul se expressaria adiante, durante o seu reinado. Ou seja, o narrador não deixaria também de apresentar Saul com traços de certa ingenuidade, uma vez que no tocante às suas maiores qualidades, destacam-se não os seus dotes interiores, mas a sua boa aparência física³³⁴: ele tem total desconhecimento de tudo o que vai acontecer; é alguém que, quando vai tomar as decisões, não sabe muito bem o que fazer, sendo sempre encorajado e cuidado por outros (cf. 9,6.8); é incapaz de encontrar o que está procurando³³⁵; expressões daquilo que mais tarde o caracterizaria. Mas também esses desconhecimento e essa passividade, como aponta Murphy³³⁶, podem não ser exatamente uma atitude de inaptidão, e sim apenas a indicação de que não é Saul por si mesmo que se coloca diante do profeta para se autoproclamar idôneo - que poderia ser interpretado naquele contexto em relação a qualquer jovem que se aproximasse de Samuel -, mas é Yhwh mesmo quem está no comando, e Saul é um eleito de Yhwh.

3.3.3 Anúncio da Revelação de Yhwh a Samuel

1Sm 9,15: וַיִּהְיֶה גִלְגָּלֹתַיִם אֶת־אֶזְנֵן שְׂמוֹאֵל יוֹם אֲתִיד לִפְנֵי בּוֹא־שָׂאוּל לְאִמֶּר

Agora o narrador revela que Yhwh estava por trás desse encontro³³⁷. Como destaca Gunn³³⁸, desde o início, Yhwh é o agente principal do relato, primeiro quando faz saber que ao pedirem um rei não era a Samuel que os israelitas estavam rejeitando, mas ao próprio reinado de Yhwh, ele que era o único rei admissível em Israel; e um reinado humano significaria contradizer ao seu

³³³ Cf. LEVINSON, D. Op. cit., p. 138.

³³⁴ Cf. HAWKINGS, R. K. *The First Glimpse of Saul and His Subsequent Transformation*. Bulletin for Biblical Research 22.3 (2012), p. 357; LUCK, G. C. *The First Glimpse of the First King of Israel*, p. 62; COOPER, R. H. Op. cit., pp. 6.8.

³³⁵ Cf. HUMPHREYS, W. L. *The rise and fall of King Saul: a study of an ancient narrative stratum in 1 Samuel*, p. 79; LEVINSON, D. p. cit., p. 138; COOPER, R. H. Op. cit., p. 8; CZOVEK, T. Op. cit., p. 171.

³³⁶ MURPHY, F. A. Op. cit., p. 74.

³³⁷ Cf. CAMPBELL, A. F. *1 Samuel*, p. 106; GUNN, D. M. Op. cit., p. 61; LANEY, J. C. Op. cit., p. 38.

³³⁸ GUNN, D. M. Op. cit., p. 59.

reinado. Yhwh também aconselhara Samuel a que obedecesse aos israelitas em tudo o que eles dissessem (cf. 8,7), constituindo-lhes um rei que reinasse sobre eles (cf. 8,22). E, agora, é Yhwh quem, um dia antes, revela ao profeta suas intenções a favor de Saul. De modo que o que até então era um segredo sabido apenas por Samuel, pois só ele tinha conhecimento das intenções de Yhwh acerca do futuro rei, agora é tornado explícito na narrativa, ainda que não ao povo³³⁹.

Como os autores o destacam, a revelação secreta era um privilégio reservado apenas aos profetas (cf. Am 3,7; Jr 23,21-22), de tal modo que Samuel é apresentado aqui como um clássico profeta, com as habilidades que o caracterizam: o futuro lhe é revelado; os eventos desconhecidos de outros lhe foram desvendados e a palavra de Deus, o dizer as instruções de Deus a outro homem, será proferida através dele³⁴⁰.

Tendo em vista essa validade do clamor profético para falar a palavra de Yhwh (cf. 1Sm 3,20), também o primeiro rei de Israel precisaria do referendo profético para ser reconhecido. E lhe caberia saber ouvir o profeta de Deus. De tal modo que a escolha de Saul se dará por designação profética, será mediada por um agente profético de Deus, e a desobediência ou a perda desse apoio profético lhe acarretariam a rejeição divina (cf. 1Sm 15,23)³⁴¹. Em razão disso, Birch³⁴² é da opinião de que o aparecimento do mediador profético reforça a provável hipótese de que o cenário para esta tradição do chamado de Saul para salvar Israel tem a sua fonte nos círculos proféticos.

3.3.4

A Revelação de Yhwh a Samuel: um homem salvará o povo

1Sm 9,16: כַּעֲתָו מְחָר אֲשַׁלַּח אֵלָיךְ אִישׁ מֵאֶרֶץ בְּנֵי־מִן וּמְשַׁחֲתוּ לְנָגִיד עַל־עַמִּי יִשְׂרָאֵל וְהוֹשִׁיעַ אֶת־עַמִּי מִיַּד פְּלִשְׁתִּים כִּי רָאִיתִי אֶת־עַמִּי כִּי בָאָה צָעֲקָתוֹ אֵלָי:

Como que para mostrar que ninguém pode chegar a ser rei em Israel, senão por consentimento divino, também aqui é a iniciativa de Yhwh que estará no

³³⁹ Cf. ALT, A. Op. cit., p. 128; PIXLEY, J. Op. cit., p. 66; LIMA, M. L. C. *Mensageiros de Deus: profetas e profecias no antigo Israel*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Reflexão, 2012, p.53; SMITH, J. E. *1 & 2 Samuel*. Joplin: College Press Publishing Company, 2000, p. 132.

³⁴⁰ Cf. ACKROY, P. R. Op. cit., p.78; PAYNE, D. F. Op. cit., p. 47; ROBINSON, G. Op. cit., p. 58.

³⁴¹ Cf. HUMPHREYS, W. L. *From tragic hero to villain: a study of the figure of Saul and the development of 1 Samuel*, p. 103; BIRCH, B. C. Op. cit., pp. 61.63; SICRE, J. L. *Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 131.

³⁴² BIRCH, B. C. Op. cit., p. 63.

centro. Saul será um eleito de Yhwh que deverá ser ungido como מָלִיךְ sobre o povo e salvar esse mesmo povo das mãos filisteias. De tal modo que a designação de Saul, para ser o primeiro rei, caracterizar-se-á por ser de iniciativa divina, e a unção profética dar-lhe-á o poder para que, como מָלִיךְ, possa tornar-se o salvador daquele povo. Como destaca Birch³⁴³, a função dos profetas de designar reis é atestada no período do reino dividido (cf. 1Rs 19,15-16; 1Rs 11,29ss; 2Rs 9). De modo que neste relato, o início da monarquia mostrar-se-á não como um ato da ira de Yhwh, como Sicre o destaca, mas um ato da sua misericórdia, equiparado à misericórdia manifestada na libertação do Egito (cf. Ex 3,20), quando também Yhwh ouviu o clamor de um povo. Mais uma vez ele ouve o clamor do povo, cujas súplicas lhe foram dirigidas diante das humilhações sofridas ante os filisteus, e, então, lhes envia um líder a fim de salvá-los.³⁴⁴

Com isso, a maioria dos autores³⁴⁵ mostra-se unânime em afirmar que o relato da vocação de Saul inicia-se nos moldes de liderança carismática³⁴⁶, não diferindo neste ponto daquele do período dos juízes, em que os líderes carismáticos eram objeto da escolha divina: quando diante de ameaça externa Yhwh suscitava um líder carismático para acabar com a aflição do povo. Bright³⁴⁷ assevera que tal escolha não poderia ser diferente, pois, caso contrário, seria improvável que os israelitas tivessem seguido a Saul. E Preston³⁴⁸ afirma que eles queriam um rei que continuasse suas tradições. Assim, na origem do reinado em Israel, o rei ungido mostrar-se-á como um líder carismático divinamente potencializado para realizar a vontade de Yhwh³⁴⁹.

³⁴³ BIRCH, B. C. Op. cit., p. 64.

³⁴⁴ Cf. SICRE, J. L. *De Davi ao Messias: textos básicos da esperança messiânica*, p. 29; HERRMANN, S. Op. cit., p. 181; DE VAUX, R. Op. cit., p.120; EDELMAN, D. V. Op. cit., p. 34; KIM, J. B.; HUMAN, D. J. Op. cit., p. 1489; HASEL, G. F. - מָלִיךְ. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H. *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. I. Grand Rapids: Eerdmans, 1998, pp. 196; WEISMAN, Z. *Anointing as a motif in the making of the charismatic king*. *Biblica* 57 (3, 1976) p. 383.

³⁴⁵ Cf. ALT, A. Op. cit., p. 130; DONNER, H. Op. cit., p. 216; BRIGTH, J. Op. cit., p. 236; DREHER, C. A. Op. cit., p. 60. HASEL, G. F. Op. cit., p. 196; KIM, J. B.; HUMAN, D. J. Op. cit., p. 1489.

³⁴⁶ ISHIDA é contrário a esta posição. Segundo ele, a monarquia como um novo regime foi preparada muito antes pelo povo, que designou a estrutura da monarquia como instituição política no modelo dos países vizinhos já antes de Saul aparecer e, depois, procuraram um líder hábil para a nova instituição. (cf. ISHIDA, T. *The Royal Dynasties in Ancient Israel: A Study on the Formation and Development of Royal-dynastic Ideology*. Berlim/New York: Walter de Gruyter, 1977, p. 52.)

³⁴⁷ BRIGHT, J. Op. cit., p. 236.

³⁴⁸ PRESTON, T. R. Op. cit., p. 31.

³⁴⁹ KIM, J. B.; HUMAN, D. J. Op. cit., p. 1489.

Entretanto, o que é intrigante, fazendo com que os comentadores não entrem em consenso entre si, mas diverjam quanto às suas explicações e motivos, é o fato de que, inicialmente, Saul não será ungido como rei - o que seria o esperado, como destaca Birch³⁵⁰, pois o povo havia pedido um מלך como as outras nações (cf. 1Sm 8,5), um מלך que reinasse sobre eles (מלך: 1Sm 8,20) -, ao invés, Saul é designado a ser constituído como מלך sobre o povo.

Isto faz com que os autores ora interpretem o termo no sentido de chefe de um povo, como se fosse um chefe de Estado³⁵¹; ora procurem uni-lo ao significado de pastor³⁵²; algumas vezes achem que ele seria mais bem interpretado como um título de nobreza, indicando alguém que foi exaltado³⁵³; outras vezes, o vejam no sentido de líder militar ou comandante³⁵⁴; e outras, ainda, como um rei em potencial, alguém que foi anunciado, proclamado, um designado ao trono³⁵⁵. De modo que os motivos da unção como מלך também variam. Uns consideram-na uma legitimação da liderança sobre Israel e que a unção como rei que se segue é uma cerimônia que visa o reconhecimento popular diante dos anciãos do povo³⁵⁶. E outros sugerem que isso pode significar que Samuel e os anciãos das tribos nunca quiseram elevar Saul à condição de rei, desejando apenas que ele fosse um líder militar eleito sobre uma base permanente, mas que o povo já o pensava como rei³⁵⁷. Outros argumentam que o termo é fundamental para entender a atuação de Saul na História Deuteronomista. Denota uma liderança militar e figura uma transição entre os juízes e a monarquia.³⁵⁸

Para Birch³⁵⁹, o fato de Saul ter sido ungido como מלך indica que o redator responsável pela inclusão do chamado de Saul conheceu o relato de como Saul tornara-se rei e não era sua intenção dar-nos outra versão. Sua intenção era

³⁵⁰ BIRCH, B. C. Op. cit., p. 64.

³⁵¹ Cf. JOÜON, P. *Notes de lexicographie hébraïque - X: מלך*. *Bíblica* 17 (3, 1936), p. 231.

³⁵² Cf. GLÜCK, J. J. *Nagid-Shepherd*. *Vetus Testamentum* 13 (2, 1963), p. 144; KIM, J. B.; HUMAN, D. J. Op. cit., p. 1491.

³⁵³ HASEL, G. F. Op. cit., p. 196.

³⁵⁴ BRIGHT, J. Op. cit., p. 236; CZOVEK, T. Op. cit., p. 171; McKENZIE, S. L. *Saul in the Deuteronomistic History*. In.: EHRlich, C. S.; WHIT, M. C. (eds.) *Saul in Story and Tradition*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2006, p. 60; PRESTON, T. R. Op. cit., p. 31.

³⁵⁵ EDELMAN, D. V. Op. cit., p. 48; GUNN, D. M. Op. cit., p. 61; ISHIDA, T. Op. cit., p. 50; SHAVIV, S. *Nābī' and nāgīd in 1 Samuel 9:1-10:16*. *Vetus Testamentum* 34 (1, 1984), p. 112. DONNER, H. Op. cit., p. 217; MURPHY, F. A. Op. cit., p. 58.

³⁵⁶ HASEL, G. F. Op. cit., p. 197; KIM, J. B.; HUMAN, D. J. Op. cit., p. 1491.

³⁵⁷ BRIGHT, J. Op. cit., p. 236;

³⁵⁸ McKENZIE, S. L. Op. cit., p. 61; CZOVEK, T. Op. cit., p. 171.

³⁵⁹ BIRCH, B. C. Op. cit., p. 64.

mostrar que Saul assumiu o reinado e foi designado por Yhwh e ungido por Samuel.

Seja como for, antes, com a eleição divina, Saul tornar-se-á um נָגִיד, um líder, um designado a rei, e, assim, ele começaria a agir levando adiante a função, anteriormente desempenhada pela liderança carismática dos juízes, de reunir o povo contra os inimigos de Yhwh; agora, essa liderança deveria ser uniforme e permanente e o líder carismático deveria demonstrar possuir as habilidades necessárias que a função exigia naquele momento³⁶⁰.

3.3.5

A Confirmação de Yhwh a Samuel: Saul como o homem escolhido

1Sm 9,17 וְשָׂמוּאֵל רָאָה אֶת-שָׂאוּל וַיְהִי עֵינָיו הִגָּה הָאִישׁ אֲשֶׁר אָמַרְתִּי אֵלַיךְ זֶה יַעֲצֹר בְּעַמִּי: 17

Samuel vê Saul. E o percebe destacando-se dos demais quanto ao seu porte físico, possuindo as habilidades necessárias para a liderança nas batalhas, vendo que não havia nenhum homem em Israel que excedesse ao filho de Cis. Desse modo, o profeta recebe a confirmação divina, por meio da segunda intervenção de Yhwh. Soa interessante que antes se dissera que יהוה abrisse os ouvidos de Samuel e agora se diz que Samuel vê. Isso teria como consequência o fato de que o profeta se deixou levar pelas aparências? Ou indicaria que o profeta vê a partir do que ouve de יהוה? Cooley³⁶¹ é quem destaca uma má percepção por parte de Samuel na revelação recebida.

Entretanto, a passagem apresenta Saul como o homem que foi visto, aquele para o qual as atenções de Deus e as de Samuel voltaram-se, o homem apto para ser chefe de um povo³⁶². Como função, o filho de Cis deverá (יַעֲצֹר בְּעַמִּי) “governar em o povo” de Yhwh³⁶³.

Os autores sublinham o uso deste verbo יַעֲצֹר, que costuma ser empregado com os sentidos de impedir de dar à luz ou tornar estéril (cf. Gn 16,2; 20,18), reter a chuva (cf. Dt 11,17), refrear as palavras (cf. Jó 4,2), deter pelo caminho (cf. 2Rs 4,24); e, raramente, é associado com a atividade de um rei humano de conduzir

³⁶⁰ Cf. DONNER, H. Op. cit., p. 218; PRESTON, T. R. Op. cit., p. 31; BRIGHT, J. Op. cit., p. 236.

³⁶¹ Cf. COOLEY, J. F. *The Story of Saul's Election (1Samuel 9-10) in the Light of Mantic Practice in Ancient Iraq*. JBL 130 (2, 2011), p. 260.

³⁶² CAMPBELL, A. F. *1 Samuel*, p. 106; LUCK, G. C. *The First Glimpse of the First King of Israel*, p. 66; LIMA, M. L. C. *Mensageiros de Deus: profetas e profecias no antigo Israel*, p. 53 AULD, A. G. Op. cit., p. 106.

³⁶³ Cf. WRIGHT, D. P.; MILGROM, J. יַעֲצֹר. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H.-J. *Theological Dictionary of the Old Testament*, v. 11. Grand Rapids: Eerdmans, 2001, p. 311.

um povo. Somente aqui o verbo é utilizado com este sentido de governar sobre, o que poderia ser uma ironia por parte do autor³⁶⁴.

Com isso, alguns autores salientam que, além de conduzir o povo militarmente, o *יְעַזְרֵנוּ בְּעַמֵּי* também está se referindo ao fato de que Saul ainda recebe a função de conter o povo da tendência de se tornar como as outras nações ou adotar práticas estrangeiras, quer sejam políticas ou religiosas³⁶⁵. Pois, constantemente, destaca-se, entre os versículos 16-17, que o povo é propriedade de Yhwh³⁶⁶. Saul deveria mantê-los como um povo de Yhwh. Por outro lado, observa-se também que o autor leu a instituição da monarquia como uma rejeição a Yhwh e, por isso, atribui toda a responsabilidade da instituição monárquica não à necessidade, mas ao desejo de imitação do povo. Mesmo assim, Yhwh o consente³⁶⁷. Com isso, outros autores³⁶⁸ sugerem que o verbo também indicaria que o reinado de Saul seria uma punição para o povo, pelo fato de rejeitarem o reinado de Yhwh.

De todo modo, como demonstram as tradições bíblicas, em seguida, Saul falhará como primeiro rei, acarretando para si a rejeição divina, de modo que não haverá espaço para uma linhagem dinástica referente à sua pessoa, o que faz com que Yhwh encontre outro homem conforme o seu coração e o institua para chefe do seu povo (cf. 1Sm 13,14)³⁶⁹.

Assim, no período de Saul, o Israel de então não se caracterizou propriamente como um reinado, pois não tinha a máquina administrativa real; de modo que não caberia para o tempo de Saul aquelas restrições feitas por Samuel em 1Sm 8. Na verdade, o período de Saul se caracterizou como uma época de transição³⁷⁰, que alguns autores denominam como um período de chefe³⁷¹. Mas também há que se destacar no filho de Cis que ele foi o fundador de um estado

³⁶⁴ Cf. RUDMAN, D. Op. cit., p. 523; BERGEN, R. D. Op. cit., p. 123.

³⁶⁵ EDELMAN, D. V. Op. cit., p. 49; RUDMAN, D. Op. cit., p. 523; BERGEN, R. D. Op. cit., p. 123; TSUMURA, D. T. Op. cit., p. 276.

³⁶⁶ AULD, A. G. Op. cit., p. 106; BERGEN, R. D. Op. cit., p. 123.

³⁶⁷ Cf. ALT, A. Op. cit., p. 128; BRIGHT, J. Op. cit., p. 234; HERRMANN, S. Op. cit., p. 184.

³⁶⁸ Cf. BERGEN, R. D. Op. cit., p. 123.

³⁶⁹ Cf. FLANAGAN, J. W. Op. cit., p. 56; ALT, A. Op. cit., p. 143.

³⁷⁰ HERRMANN, S. Op. cit., p. 186; BRIGHT, J. Op. cit., p. 236; DE VAUX, R. Op. cit., p. 121;

³⁷¹ Cf. FLANAGAN, J. W. Op. cit., pp. 49.66; HAUER, C. E. *From Alt to Anthropology: the Rise of the Israelite State*. JSOT (1986), p. 7.

territorial e, com isso, Van Der Toorn³⁷² considera que ele também conduziu a fundação de uma religião nacional.

³⁷² VAN DER TOORN, K. *Saul and the Rise of Israelite State Religion*. *Vetus Testamentum* 63 (4,1993), p. 527. Ver também FLANAGAN, J. W. Op. cit., p. 66; KIM, J. B.; HUMAN, D. J. Op. cit., p. 1493; DONNER, H. Op. cit., pp. 222-223.